



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL- UFFS
CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS- LICENCIATURA

JULIANA CRISTINA DE MELLO

A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA
FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST: A EXPERIÊNCIA DE UM
ACAMPAMENTO EM RIO BONITO DO IGUAÇU/PR

LARANJEIRAS DO SUL

2019

JULIANA CRISTINA DE MELLO

**A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA
FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST: A EXPERIÊNCIA DE UM
ACAMPAMENTO EM RIO BONITO DO IGUAÇU/PR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciada em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a. M.^a. Ana Cristina Hammel
Co-orientadora: Prof.^a Dra. Natacha Eugênia Janata

LARANJEIRAS DO SUL

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Mello, Juliana Cristina de
A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA
FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST: A EXPERIÊNCIA DE UM
ACAMPAMENTO EM RIO BONITO DO IGUAÇU/PR / Juliana
Cristina de Mello. -- 2019.
86 f.:il.

Orientadora: M^a. Ana Cristina Hammel.
Co-orientadora: Dra. Natacha Eugênia Janata.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR, 2019.

1. Juventude.. 2. MST. 3. Política. 4. Formação. I.
Hammel, Ana Cristina, orient. II. Janata, Natacha
Eugênia, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

JULIANA CRISTINA DE MELLO

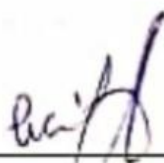
**A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA
FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST: A EXPERIÊNCIA DE UM
ACAMPAMENTO EM RIO BONITO DO IGUAÇU/PR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul.

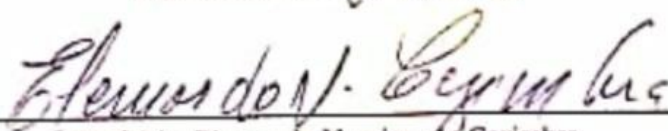
Orientador: Prof. Me. Ana Cristina Hammel

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 17 de junho de 2019.

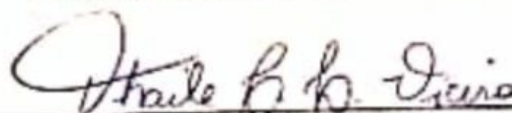
BANCA EXAMINADORA:



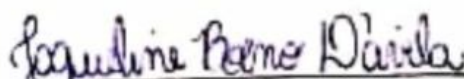
Prof. Me. Ana Cristina Hammel



Prof. Me. Elomar do Nascimento Cezimbra



Prof. Me. Thaile Cristina Vieira Lopes



Prof. Me. Jaquelina Boeno D'Avila

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Movimento Sem Terra, minha grande escola. Em especial ao Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, ao Coletivo de Juventude do MST e ao acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio por enriquecer a experiência política e alargar as perspectivas de vida da juventude, diante disso, me motivando a estar melhor preparada na luta através do estudo e oferecendo a oportunidade de refletir sobre a linda experiência que deu origem a essa pesquisa.

Agradeço ao trabalhadores e trabalhadoras, que findaram seu suor e sangue pelo direito a educação, sendo os donos desta universidade. Ser sem-terra e concluir o Ensino Superior é celebrar uma conquista dessa trajetória coletiva de luta.

Obrigada aos jovens que concederam as entrevistas, vocês são maravilhosos e inspiradores.

Agradeço à professora Ana Cristina pela disponibilidade sempre presente, pelas orientações e pelos aprendizados sobre o processo de formação humana. Agradeço à minha orientadora Natacha pelas contribuições que foram essenciais para a produção deste trabalho, mas também, pelos inúmeros aprendizados que ficam e me dão segurança em seguir. Agradeço aos membros da banca de avaliação pelas contribuições. Poder contar com esse coletivo comprometidos de professores foi mais que perfeito!

Um reconhecimento especial à minha mãe e minha irmã pelo suporte de sermos três nesse mundão. Também, ao companheiro que esteve ao meu lado nestes longos anos de “aventuras acadêmicas”, sempre à disposição, incentivando e reforçando no cotidiano a confiança em mim mesma.

RESUMO

Essa pesquisa teve como tema a formação e atuação política dos Coletivos de Juventude no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A intenção foi analisar a repercussão da organização dos jovens em Coletivo de Juventude sobre o processo de formação de sua consciência política e contribuição no MST, para tanto, o estudo parte de uma experiência concreta localizada no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no município de Rio Bonito do Iguazu/Paraná. Os objetivos específicos foram: Apresentar a materialidade da vida do jovem no campo, e no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio; Descrever o histórico e a atualidade de trabalho com a juventude no MST, expressando os entendimentos que se constroem em relação à esse sujeito e sua participação; Destacar e discorrer sobre as ações que os jovens do Coletivo de Juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio constroem e participam; Identificar as potencialidades da experiência do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, partir do que o MST toma como referência em relação à formação e contribuição política da juventude. A pesquisa foi de natureza qualitativa e os instrumentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, documental, estudo de campo com entrevistas, envolvendo uma pesquisa ação. O percurso da investigação contribuiu para compreender o Coletivo de Juventude e sua capacidade de realizar ações concretas, como espaço privilegiado para empreender avanços da formação da consciência de classes e um novo posicionamento político da juventude no território.

Palavras-chave: Juventude. MST. Consciência de Classe. Formação.

ABSTRACT

The theme of this research is the formation and the political action of the Youth Collectives in the Landless Worker's Movement. The main objective was to analyze the repercussion of the organization of young people in Youth Collective on the process of forming their political awareness and contribution in the MST. Therefore, the study analyzes a concrete action located at Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, in Rio Bonito do Iguaçu, a city located in Paraná, south part of Brazil. The specific objectives were: to show the materiality of the young person's life in the countryside, and at the Acampamento Herdeiros da Terra 1º de Maio; Describe the history and the current work with youth in the Landless Worker's Movement, expressing the understandings that are built in relation to this subject and their participation. To discuss the actions youth of the Youth Collective are building and participating in the camp; Identify the potential of this experience from the perspective of the Landless Workers' Movement on the formation and political contribution of youth. This is a qualitative research and the methodological instruments used were bibliographic research, documentary, field study with interviews, involving an action research. The course of the research contributed to the understanding of the Youth Collective and its capacity to carry out concrete actions, as a privileged space to undertake advances in the formation of class consciousness and a new political positioning of youth in the territory.

Keywords: Youth. Landless Workers Movement. Class Consciousness. Formation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	8
2. A JUVENTUDE DO CAMPO E A DISPUTA DE TERRITÓRIO.	13
2.1. ELEMENTOS PARA UMA CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO TERRITÓRIO DO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO.	13
2.2. O JOVEM E O CAPITALISMO NO CAMPO.	24
3. JUVENTUDE NA PERSPECTIVA DO MST.	31
3.1. JUVENTUDE, UM CONCEITO EM DISPUTA.	31
3.2. O MST E O TRABALHO COM A JUVENTUDE.	34
3.4. A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E O MST.	38
4. A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO.	44
4.1. A TRAJETÓRIA E ORGANICIDADE DO COLETIVO DE JUVENTUDE.	44
4.2. AS AÇÕES DO COLETIVO DE JUVENTUDE.	49
4.2.1. Atividades formativas.	49
4.2.2. Produção agroecológica.	52
4.2.3. Autossustentação do Coletivo de Juventude.	54
4.2.4. Iniciativas culturais.	56
4.2.5. Lutas e manifestações.	59
5. A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST.	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	72
REFERÊNCIAS	76

1. INTRODUÇÃO

Possuímos hoje o maior percentual de jovens já vistos na história da humanidade (ONU, 2014), um fenômeno que tem colocado esse sujeito em destaque nos mais diversos temas, dentre eles a política. A relação que os jovens mantêm com os modelos sociais de se fazer política, sejam eles convencionais ou não convencionais, tem se constituído como uma grande preocupação da atualidade, tendo em vista as dificuldades de enraizar a participação dos mesmos nos espaços onde ela se constrói. No contexto dos movimentos sociais populares, que pela natureza de seus objetivos, demonstra avanços sobre a participação efetiva dos diversos sujeitos na luta e construção de novos paradigmas para a política, vem se desenvolvendo métodos de trabalho e organização que merecem ser analisados para que se possa extrair elementos para discutir as problemáticas que envolvem o debate geral sobre a juventude no atual período histórico.

O movimento social evidenciado neste trabalho é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, desde seu programa político de Reforma Agrária Popular. O problema de pesquisa desta investigação foi compreender as especificidades da participação e formação política dos jovens integrantes do MST, organizados em Coletivos de Juventude, determinando-se pela interrogação de “quais as contribuições da juventude Sem Terra para o MST e a construção da Reforma Agrária Popular, quando se organiza em Coletivos de Juventude?” O estudo propõe-se sistematizar e analisar uma experiência concreta, confrontada às teorias produzidas sobre os temas citados e as elaborações próprias do Movimento em questão.

A intenção desse trabalho parte de minha atuação militante no Coletivo de Juventude do MST, desde o acompanhamento e da organização de ações no âmbito da formação política e organizativa da juventude dos assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária do Paraná, a fim de refletir com um processo mais sistematizado de pesquisa, sobre os potenciais desse trabalho.

A pesquisa foi realizada com um Coletivo de Juventude local, situado no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguaçu, mesorregião Centro-Sul do Paraná. O referido acampamento possui um constante trabalho com os jovens desde sua constituição inicial em 2014 (40% eram jovens), originando processos de organização da juventude, que já envolveram dezenas de jovens em ações e formações do

Movimento e do Coletivo de Juventude.

Como objetivo geral analisamos a repercussão da organização dos jovens em Coletivo de Juventude sobre o processo de formação de sua consciência política e contribuição no MST. Como objetivos específicos apresentou-se a materialidade da vida do jovem no campo, e particularmente no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio; Descreveu-se o histórico e a atualidade de trabalho com a juventude no MST, expressando os entendimentos que se constroem em relação à esse sujeito e sua participação; Destacou-se e se discorreu sobre as ações que os jovens do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio constroem e participam; Identificou-se as potencialidades da experiência do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, partir do que o MST toma como referência em relação à formação e contribuição política da juventude.

Neste trabalho existe um esforço em adotar o materialismo histórico dialético como método orientador da investigação, entendendo que dado ao seu processo de elaboração, a partir da realidade concreta, está vinculado a uma perspectiva de classe revolucionária, em que o estudo da realidade tem como objetivo transformá-la. Para tanto, “O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial” (PIRES, 1997, p.90). Como parte dessa intenção, há de se considerar o debate feito em Garcia (2012), ao discorrer sobre a relevância teórica do uso das categorias: universal, particular e singular no aprofundamento do método materialista histórico dialético nos estudos relacionados aos processos de formação humana do sem-terra e suas possibilidades reais de emancipação. Tal engendramento, busca apreender as ligações orgânicas presentes no seguinte quadro analítico: “MST (grupo social); sem-terra (indivíduo); expoente da classe trabalhadora (classe), ou seja, particular (MST); singular (sem-terra); universal (classe trabalhadora camponesa)” (GARCIA, 2012, p. 126). Nos referenciamos também em uma proposta dialética para a análise de dados qualitativos referenciando-se em Minayo (2002), a qual defende que o produto final de uma pesquisa deve ser encarado de forma provisória e aproximativa. “Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem, como ponto de partida, *o interior da fala*. E, como ponto de chegada, *o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala* (MINAYO, 2002, p.79).

A pesquisa teve natureza qualitativa, seguindo os procedimentos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de campo, envolvendo uma pesquisa participante.

A fim de tratar da materialidade da vida da juventude, ocorreu uma pesquisa bibliográfica das produções que tratam das condições de vida dos jovens no campo e nas áreas de reforma agrária, além de pesquisa documental e bibliográfica sobre o acampamento. Inserimos aqui elementos contidos nas entrevistas individuais com oito jovens integrantes do Coletivo de Juventude local, sobre como vivem e percebem o território. Realizou-se pesquisa documental e bibliográfica sobre o trabalho com a juventude no MST, destacando o conceito de juventude, a partir dos referenciais teóricos identificados no debate realizado pela Organização. Ainda sobre essa questão, ocorreu uma entrevista com um integrante do Coletivo Nacional de Juventude, para complementar as informações levantadas na pesquisa bibliográfica e documental. Outro procedimento metodológico foi o levantamento, por meio de pesquisa documental, das atividades de trabalho e formação que os jovens do acampamento já participaram, além de entrevistas com oito jovens e a organização de uma oficina de avaliação no dia 13 de março de 2019, com o Coletivo de Juventude, na qual foram realizadas diversas anotações em caderno de campo. Em relação às entrevistas, destacamos que elas foram semi-estruturadas e tiveram como forma de registro as anotações em formulário próprio, bem como gravação do áudio e por escrito (caso de apenas uma).

A definição de quais jovens do Coletivo de Juventude local seriam entrevistados ocorreu baseada no processo de retomada do Coletivo de Juventude neste ano de 2019, sendo que nem todos os jovens que vivenciaram o processo nesses cinco anos de acampamento, estão atualmente inseridos. Neste caso, também levou-se em consideração a prioridade por aqueles que já tinham uma relação de tempo ou de vivências distintas nas tarefas da juventude, assim como a possibilidade de ter contato com os mesmos nos meses previstos em cronograma para essa fase do trabalho. No total, foram oito jovens entrevistados, segue abaixo um quadro síntese traçando o perfil alcançado.

Quadro 1 - Perfil dos jovens entrevistados

Entrevistado	Gênero/ idade	Estado civil/ filhos	Escolaridade	Participação: período/ tarefa ¹	Situação no acampamento
Entrevistado 1			Cursando 2º	2017 e 2018-	Sem cadastro,

1 Em 2015 inicia-se gradativamente o espalhamento das famílias pela área em disputa, estabelecendo a configuração do acampamento em novos pontos de ocupação do espaço: Herdeiros I, Herdeiros II ou Alojamento, Herdeiros III ou Lambari, Herdeiros VI ou Guajuvira. Cada ponto, constituiu um Coletivo de Juventude com sua organização local, entretanto, preservou-se uma unidade a nível de acampamento.

(02/03/2019)	Mulher 15	Solteira	E.M	Coordenação do Coletivo de Juventude do Herdeiros I	atualmente se mudou para o assentamento
Entrevistado 2 (04/03/2019)	Homem 22	União estável/ 1 filha	E.F incompleto	2014-2019- Direção geral do acampamento pela juventude, coordenação do Coletivo de Juventude do Guajuvira.	Cadastrado e com lote
Entrevistado 3 (08/03/2019)	Mulher 21	União estável/ 1 filha	Cursando E.S	2016-2019- Coordenação do Coletivo de Juventude do Guajuvira	Cadastrada e com lote
Entrevistado 4 (13/03/2019)	Homem 20	Solteiro	Cursando o 2º ano do E.M	2014-2019- Membro do Coletivo de Juventude do Herdeiros I	Cadastrado e com lote
Entrevistado 5 (13/03/2019)	Mulher 19	Solteira	Cursando o 2º ano do E.M	2015-2019- Membro do Coletivo de Juventude do Herdeiros I	Sem cadastro
Entrevistado 6 (26/04/2019)	Homem 18	Solteiro	Cursando E.S	2015-2019- Coordenação do Coletivo de Juventude do Herdeiros I	Sem cadastro
Entrevistado 7 (26/04/2019)	Homem 17	Solteiro	Cursando 3º ano do E.M	2016-2019- Membro do Coletivo de Juventude do Guajuvira	Sem cadastro
Entrevistado 8 (27/04/2019)	Homem 21	Solteiro	E.M incompleto	2015-2019- Membro do Coletivo de Juventude do Herdeiros I	Cadastrado e com lote

Fonte: elaborado pela autora.

A entrevista realizada com o membro do Coletivo Nacional de Juventude está identificada como ENTREVISTA 9 e ocorreu no dia 04 de abril de 2019.

Minha trajetória no Coletivo de Juventude do MST tem início nos processos de base em Rio Bonito do Iguazu, na auto-organização dos estudantes no Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, Assentamento Marcos Freire e posteriormente, no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio com a constituição do Coletivo, nosso objeto de pesquisa. Tendo em vista minha inserção como militante em distintos espaços do MST e do trabalho com a juventude, sendo sujeito do processo, em tarefas de coordenação, existem esforços ao decorrer do processo que produzem reflexões individuais e principalmente tomam nota de

reflexões coletivas. Com isso, os diversos registros contidos em caderno de campo, contribuíram para o processo de sistematização e análise da experiência do Coletivo de Juventude e suas conexões com o território e o MST. Os dados coletados pela pesquisa participante estão presentes no conjunto do trabalho, como uma marca expressiva dessa pesquisa.

2. A JUVENTUDE DO CAMPO E A DISPUTA DE TERRITÓRIO

O objetivo deste capítulo é realizar uma caracterização da realidade em que o Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio se insere, demonstrando aspectos relevantes que compõem esse território. Ocupando dessa materialidade e ampliando à investigação, buscaremos evidenciar as condições que o capitalismo impõe à juventude no campo, e que, conseqüentemente, também circunstanciam as vivências dos jovens que se encontram em luta pela terra.

Trazemos aqui a ideia de “território em disputa” na intenção de evidenciar a realidade estudada como palco de conflitos, expressão de projetos políticos, contraditórios entre si, mas que irão juntos construir as identidades dos fenômenos. Evitaremos assim, abordagens que compreendem mecanicamente que a presença de um projeto, o qual apenas pela sua existência, anula a manifestação de outro. Os acampamentos do MST não são ilhas dentro do capitalismo, embora organizados em luta, façam resistência ao agronegócio e às relações capitalistas.

Isso nos permite tratar de “disputa” e não “hegemonia”. Território em disputa, é consciência em disputa. É dessa forma que pretendemos apreender e descrever a realidade, por ora, sem intenção de aprofundar as análises, tendo em vista o alcance desse trabalho.

2.1 ELEMENTOS PARA UMA CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO TERRITÓRIO DO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO.

Esse item visa abordar aspectos históricos e caracterizar a realidade local onde o objeto de pesquisa se insere, a fim de apresentar elementos que subsidiem a análise da experiência contida nas conclusões dessa pesquisa. Faz-se necessário, já que trataremos nesse trabalho da formação e atuação política de sujeitos. É fato que toda atuação política precisa necessariamente de um território para se materializar em ações. Assim como toda formação política se dá a partir da concretude de um território e também de seu conceito imaterial. “[...] todo território material possui um território imaterial. O conceito de território imaterial envolve o mundo do pensamento, as ideias, as teorias, as ideologias [...] é a partir do território imaterial que é construído o território material” (ZENERATTI, 2014, p. 03).

“Observa-se que historicamente, a concepção de território associa-se a ideia de

natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão de poder” (SUERTGARY, 2001, p.6). Uma abordagem territorial permitirá apresentar as dimensões sociais, culturais, históricas e econômicas vinculadas às relações de poder essenciais a compreensão da constituição de um acampamento, já que “O processo de territorialização do MST acontece por meio da construção do espaço de socialização política” (FERNANDES, 2012, p.28).

“Os acampamentos são, predominantemente, resultado de ocupações. Assim sendo, demarcam nos latifúndios e nos territórios do agronegócio os primeiros momentos do processo de territorialização camponesa” (FERNANDES, 2012, p. 21). Podemos dizer que junto ao motivante da sobrevivência, a luta pela terra para um camponês é também, luta por um novo território, travada dentro de espaços antes desterritorializados pela hegemonia do capital. Nesse sentido, destacamos que relações produzidas pela condição de estar em luta coletivamente se refletem na configuração territorial, já que quando ocupado pelo MST, alteram-se as finalidades de sua apropriação e o projeto pensado para ele.

Na medida em que passa a ser lugar de produção da vida de comunidades, o território vai se tomando de identidades e particularidades. Segundo Souza (2003, p. 281) “A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes de identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos de espaço concreto”. A formação no MST ocorre principalmente na prática da luta social, da organização coletiva, da produção agrícola, e, traz à tona o ser Sem Terra, enquanto identidade constituída socialmente. Isso exterioriza que o acampamento também tem ação na organização social da consciência. É a configuração de sua materialidade que influencia a consciência e a consciência dos sujeitos do processo que influenciam a materialidade, em uma relação recíproca.

O Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio faz parte de uma grande luta travada pelos trabalhadores e trabalhadoras do Movimento Sem Terra na Mesorregião Centro-Sul do Estado do Paraná, a luta pela terra e pela desapropriação de um dos maiores latifúndios do país, a chamada empresa Araupel S.A., antiga Giacomet-Marodin Ind. Madeireira S.A. Luta essa iniciada há 23 anos e que deu origem à conquista do maior complexo de assentamentos da América Latina como demonstrado em dados por Janata (2012),

De 1996 para cá o MST seguiu ocupando áreas da madeireira, conquistando as desapropriações e efetivando quatro assentamentos que somados ocupam cerca de 2/3 da área da empresa na região”. São eles, em ordem cronológica: - em 1997, o Assentamento Ireno Alves, com 934 famílias; - em 1998; o Assentamento Marcos Freire, com 578; - em 2004, o Assentamento Celso Furtado, com 1.500 famílias e o

Assentamento 10 de Maio, com 69 famílias. (JANATA, p.82, 2012).

Segundo Roos (2012), antes dos assentamentos conquistados pelo MST, a área total compreendia cerca de 85.000 hectare, correspondentes às fazendas Pinhal Ralo, Rio das Cobras e Campo Novo. Essa área abrangia cinco municípios paranaenses, como podemos ver na figura abaixo, sendo representada pela cor verde:

Figura 1 – Fazenda Giacomet-Marodin/Araupel.



Fonte: ROOS, 2010

Muitos dos sujeitos que fundaram o acampamento vêm de um processo de desterritorialização, famílias camponesas que por circunstâncias diversas foram expropriados de seus territórios anteriores em períodos passados. Como nos traz o Inventário da Realidade² (2017) construído pela escola do acampamento em 2017, “Em sua maioria são pessoas que moravam na roça, foram para a cidade e retornaram por falta de emprego, ou por sonhar com uma vida melhor no campo. Muitos são filhos de assentados” (INVENTÁRIO, 2017, p. 04). Podemos rememorar esse processo de interrompimento da vida no campo, a partir da década de 1960 com a Revolução Verde, como afirma Batista (2014), referindo-se às origens do MST,

“[...] esse processo se dá essencialmente pela primeira necessidade de sobrevivência das famílias desterritorializadas pela ação do latifundiário e do capital na agricultura, e nasce concretamente no processo de ocupação. A ocupação não é uma ação realizada somente pelo MST, mas por outras organizações do campo, ou grupos não

² Inventário da Realidade é um documento elaborado para subsidiar a prática pedagógica das Escolas do Campo, na intenção de extrair e sistematizar informações da realidade da comunidade em que a escola se insere.

organizados, que o fazem pela necessidade de sobrevivência” (BATISTA, 2014, p.167).

Segundo Souza (2017), a partir do 6º Congresso Nacional do MST, tem-se a definição de novamente organizar as grandes ocupações de terra e assim. “em meados de 2014, com a retomada das ocupações do MST no estado do Paraná, constitui-se o Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, com 1400 famílias cadastradas” (SOUZA, 2017, p.11). Como relata a autora, “[...] teve início a partir da formação do Acampamento Base no lote de um assentado pertencente ao Assentamento Ireno Alves dos Santos, o qual cedeu o espaço para o MST” (SOUZA, 2017, p.31). O acampamento base é um período de preparação para a realização da ação coletiva que é a ocupação de terra, segundo a autora, com base na pesquisa do próprio acampamento,

[...] o Acampamento Base é o início do processo e muitos dos integrantes não possuem formação política ou até mesmo conhecimento da organicidade, se tornando um desafio à inserção. Mas através da coletividade superam-se as dificuldades e obtém-se o comprometimento e organização de todos os integrantes (SOUZA, 2017, p32).

Abaixo trazemos uma imagem que demonstra a disposição dos barracos de lona durante o acampamento base.

Fotografia 1- Acampamento Base



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, maio de 2014. ³

³ Foto de Wellington Lenon.

O boletim informativo do MST/ Região Cantuquiriguaçu, intitulado Terra Vermelha (2014), retrata algumas informações sobre a ação de ocupação,

“Na região Centro do Paraná a terceira ocupação nas terras griladas pela Araupel, ganhou dimensão nacional. Cerca de 2,5 mil famílias Sem Terra organizam o Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio e, no último dia 17 de julho ocuparam o latifúndio da Fazenda Rio das Cobras, que tem cerca de 35 mil hectares, entre os municípios de Rio Bonito do Iguazu e Quedas do Iguazu (TERRA VERMELHA, 2014, p. 03)”.

No dia da ocupação somaram-se à ação de luta, as famílias dos cadastrados e outros militantes do MST, tornando-a mais expressiva ainda. Abaixo trazemos uma imagem que retrata o amanhecer posterior à fria madrugada da ocupação.

Fotografia 2- Ocupação



Fonte: Imagem cedida por Joka Madruga, julho de 2014.

A dimensão nacional se dá também devido aos emblemáticos problemas sociais e ambientais envolvendo a empresa ocupada. Segundo o MST, “[...] o principal objetivo das famílias é denunciar à sociedade a não legitimidade dos títulos de origem da área que a empresa Araupel S.A, antiga Giacomet Marodin, detém sob um histórico de concentração, grilagem e assassinatos na região.” (TERRA VERMELHA, 2014, p. 03). Temos ainda,

Segundo os Sem Terra, além do problema da nulidade do título da área, a empresa deve responder pelos crimes ambientais que cometeu. Quando iniciou suas atividades na década de 1970, essas terras eram cobertas por floresta típica das araucárias. Pelo caráter extrativista da empresa, a floresta foi devastada pela monocultura de pinus e eucalipto. (TERRA VERMELHA, 2014, p. 03)

Roos (2012) ressalta o processo de violência que marca o histórico da empresa Araupel,

O histórico das lutas pela terra nas áreas da Araupel remonta ao final da década de 1970, quando camponeses posseiros, expulsos das suas terras em anos anteriores (pela empresa), montaram acampamentos nas suas antigas posses e foram “despejados” pelos seguranças da empresa (ROOS, 2012, p.07).

Após a ocupação as moradias foram organizadas próximas, porém com mais espaço entre si, para ser possível estabelecer alguns cultivos e criar alguns animais, ao mesmo tempo que se preservava a segurança e a vivência coletiva.

Fotografia 3- Disposição das moradias após a ocupação



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, agosto de 2014.⁴

Segundo o meio de comunicação produzido pelos próprios acampados, o Jornal Campesino (2018), a denominação do acampamento como “Herdeiros da Terra de 1º de Maio” é referido ao legado de continuação da luta pela juventude e também a data de formação do acampamento base. “Grande parte dos ocupantes, em torno de 40% pelo

⁴ Foto de Wellington Lenon.

levantamento do cadastro interno do acampamento, são filhos de assentados da região [...]” (CEZIMBRA, 2017, p. 02). O papel da juventude no acampamento foi protagonista, como trata o boletim informativo Terra Vermelha (2014),

O conflito social gerado tem a juventude Sem Terra, filhos e filhas de assentados, como maiores protagonistas. Há 18 anos, esses mesmos jovens acompanharam a luta de suas famílias na maior ocupação de terra da América Latina, quando foi a primeira ocupação no latifúndio da fazenda Giacomet Marondin, atual Araupel. Mas as terras conquistadas naquela época já não dão conta de garantir o sustento de todos com a expansão do núcleo familiar. Agora, junto de seus pais, a juventude coloca novamente em pauta a necessidade de continuar a realização da Reforma Agrária no estado, denunciando as irregularidades e crimes cometidos pelo latifúndio. (TERRA VERMELHA, 2014, p. 03)

Em um contexto onde predominantemente associa-se a ideia de juventude como imobilista e desinteressada pela luta social, ter o envolvimento da juventude de forma expressiva e marcante na história de uma das maiores ações coletivas de luta pela terra do último período, é a colocar sobre outro ponto de vista, o que posteriormente contribuirá para que o trabalho com a juventude no acampamento ganhe respaldo.

Cezimbra (2017) expõe alguns dos elementos que ajudam a compreender de onde parte a decisão e as condições para que os jovens assumam a luta e a construção do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio em seu período inicial. Destes destacamos: a) a luta pela terra é transformada em um projeto de vida, um projeto de poder permanecer ou retornar para o campo, tendo como decisivo os indicadores de melhoria da qualidade de vida, apresentados pelos assentamentos de reforma agrária, principalmente os da região; b) os questionamentos acerca da ilegitimidade da empresa e algumas vitórias judiciais já alcançadas, conferem expectativas positivas quanto ao desenrolar judicial do caso; c) a quantidade de envolvidos direta e indiretamente, no caso número de famílias acampadas, faz com que o governo se veja na obrigação de intervir, segurando despejos comuns nesse tipo de situação; d) o imenso complexo de assentamentos da região que se encontra ao entorno do território e prestando apoio, assim como a capacidade organizativa do MST, trazem confiança ao processo de luta; e) a capacidade de domínio do território permite que a produção da subsistência possa ocorrer, e assim resistir melhor às adversidades e precariedades do dia a dia.

Por fim, o autor ainda destaca o envolvimento dos jovens em processos organizativos internos do acampamento, onde ocorreu a responsabilização por tarefas, inclusive de coordenação e direção, participação de formações internas e externas, o incentivo à

participação em cursos formais de escolarização, especialmente os de Ensino Superior, fazendo com que essa perspectiva político social fosse considerado um fator importante de motivação.

Após a ocupação, outro episódio marcante foi a construção da Escola Itinerante Herdeiros do Saber. Souza (2014) expõe que a inauguração da escola se deu no dia 09 de setembro de 2014, com fruto do trabalho voluntário, do financiamento e da definição política das próprias famílias acampadas. “A Escola surgiu dentro do Acampamento da necessidade de os educandos estarem inseridos na realidade em que vivem, assim como, estudar no local em que moram” (SOUZA, 2018, p. 44).

O Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio é um território que encontra-se em disputa. A manutenção do domínio sobre o território é garantida através da organicidade, da ocupação do espaço, e conseqüentemente da ampliação da produção, que garante a sobrevivência e permanência da maioria das famílias. Com isso, um pouco mais de um ano após a ocupação, inicia-se gradativamente o espalhamento das famílias pela área em disputa, estabelecendo a configuração apresentada por Finatto e Siebert (2017),

No início da ocupação, todos os integrantes estavam acampados em um único espaço denominado de “Herdeiros I”. Mais tarde, estrategicamente, alguns sujeitos foram deslocados para outras áreas dando origem a mais cinco grupos, são eles: Herdeiros II (Alojamento), Herdeiros III (Lambari), Herdeiros IV (Guajuvira), Ponte e Eucalipto (FINATTO, SIEBERT, 2017, p. 02).

Essa disposição territorial permaneceu durante a maior parte do tempo de existência do acampamento, de março de 2016 (quando formou-se o último ponto de ocupação do território) até julho de 2018, quando as famílias constituíram outras comunidades e se espalharam em unidades familiares de produção, como se explicará mais adiante nesse tópico. Esse período possibilitou uma estabilidade estrutural e organizativa no território, pelo tempo que perdurou e pela diminuição da rotatividade, com o fechamento do cadastramento. Dessa estabilidade, é possível extrair de forma sistematizada algumas informações sobre o contexto, presente no Inventário da Realidade (2017). Utilizaremos esse documento como uma das bases para caracterizar alguns aspectos do acampamento.

Em relação a organização, luta, e formação política realizada no/pelo acampamento, consta no Inventário da Realidade (2017) que todos e todas na comunidade, mulheres, homens, jovens, crianças, e idosos, participam de mobilizações enquanto MST. Também consta o reconhecimento de que muitas delas são organizadas e realizadas pela juventude do

acampamento. Segundo o documento, a comunidade está organizada de forma que todos participem do MST, através do trabalho coletivo, da formação política, e da formação em temas específicos que demandam de preparo para a atuação interna no acampamento, como saúde e educação. Ainda, existem estruturados Setores e Coletivos (desde o acampamento base), nos quais se dividem os integrantes dos Grupos de Base, são eles: Setor de Educação, Setor de Comunicação, Setor de Saúde, Setor de Infraestrutura, Setor de Alimentação, Setor Formação, Setor de Produção, Coletivo de Mulheres e Coletivo de Juventude. Nesse período (2014, 2015, 2016, 2017) as reuniões dos Grupos de Base e das instâncias de Direção e Coordenação, assim como dos Setores e Coletivos aconteciam semanalmente, assim como a formação política nos Grupos de Base era realizada semestralmente.

Em relação às condições econômicas, as famílias vivem com renda adquirida através da venda dos bens que possuíam antes de vir se acampar, comercializam também o excedente do que produzem, sejam cereais ou animais, serviços temporários, ajuda dos pais como os filhos dos assentados, além programas de auxílios estatais, como os estudantes universitários e os beneficiários do Bolsa Família. Salvo exceções existem situações de renda fixa, como a dos professores que trabalham na Escola Itinerante (que mesmo assim em períodos do ano exercem trabalho voluntário), e no caso de famílias que possuem integrantes que trabalham em espaços externos ao acampamento. Uma estimativa é que a renda da grande maioria das famílias varia de R\$ 100,00 a R\$ 500,00 (INVENTÁRIO, 2017).

Os jovens relataram através das entrevistas individuais que as principais atividades de trabalho que a juventude realiza no acampamento é auxiliar os pais na agricultura, que em geral é de subsistência da família, e uma minoria exerce trabalhos temporários com um renda monetária, que podem ser durante colheitas, em fazendas ou em construção civil.

Desde o início da ocupação percebe-se a preocupação com o acesso à terra para a produção da sobrevivência das famílias acampadas. Para essa possibilidade, foram realizadas “derrubadas de pinus para a abertura de área para transformá-las em lavouras” (INVENTÁRIO, 2017, p.13). Após a formação dos seis pontos estratégicos de ocupação do espaço, “o acesso à terra foi destinado de forma comunitária para cada grupo de base, porém a maioria das famílias prefere trabalhar de forma individual” (INVENTÁRIO, 2017, p12). Todos/as os cadastrados/as tem acesso à terra segundo sua capacidade de produção, com exceção daqueles que utilizam as técnicas de produção em larga escala que possuem limites. “No acampamento, a produção agrícola é desenvolvida no sistema agroecológico e

convencional, assim, os lotes cultivados pelos agricultores agroecológicos são isolados das outras áreas de produção, sendo boa parte do terreno contornado por mata nativa” (FINATTO, SIEBERT, 2017, p 04).

As condições de moradia estão de acordo com o poder aquisitivo da população acampada, estão muito próximas umas das outras, expressando a simplicidade e muitas vezes a precariedade, mas também organização. Segundo o Inventário da Realidade (2017), nesse período,

As moradias ficam em torno de cinco a dez metros umas das outras, algumas famílias ainda não construíram casas por motivos financeiros, sendo assim, moram ainda em barracos de lona. [...] as famílias possuem o básico dentro de casa [...] Com exceção dos espaços Herdeiros III e ponte, os demais possuem acesso à energia elétrica. Todos possuem água encanada e fossa sanitária. [...] (INVENTÁRIO, 2017, p. 05).

Em muitos casos o acesso a informação é escasso, “Os meios de comunicação a que se tem acesso na comunidade são: rádio, TV, celulares apesar de o sinal não chegar a todos os pontos do acampamento [...] Apenas alguns têm acesso à internet no celular” (INVENTÁRIO, 2017, p. 06). Essas dificuldades ocorrem tanto pela situação econômica das pessoas, quando pela negligência do poder público com o campo e seus sujeitos, como é o caso das dificuldades de energia e sinal de telefone.

As atividades de cultura e lazer são bem expressivas quanto a cultura tradicional camponesa, como podemos visualizar no Inventário da Realidade (2017),

A atividade de lazer mais realizada no acampamento é o futebol, mas também são realizadas outras atividades pelos grupos como jantar no barracão de reuniões e também as famílias se visitam e alguns que tocam algum tipo de instrumento, fazem cantigas nas casas. Ademais, o próprio acampamento realiza festas tradicionais/comemorativas, como festa de S. João, aniversário do acampamento, aniversário da escola, torneios de futebol, campeonatos e noite cultural. (INVENTÁRIO, 2017, p. 06)

Percebe-se que também se relacionam aos hábitos e condições de lazer a situação econômica da população residente no acampamento. Embora as atividades relatadas sejam essencialmente valorosas para a vivência individual e comunitária, o seu rol limita-se a atividades locais, próximas ao cotidiano, estando impossibilitados economicamente de usufruir da diversidade de possibilidades lúdicas construídas pela humanidade.

Em relação aos problemas que atingem a vida dos jovens no acampamento, quando questionados durante as entrevistas individuais, estes ressaltaram as dificuldades de obter

renda própria, o que dificulta o acesso a lazer e cultura, uma vez que em nossa sociedade ambos são ligados ao consumo e não apenas à livre expressão e diversão.

Ao realizar um assentamento, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) produz um documento chamado Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos (PDA). Segundo o INCRA (2009) em seu site oficial, o PDA é realizado por uma empresa ou entidade de assistência técnica contratada por ele próprio, contando com a participação das famílias assentadas. Nele,

[...] é definida a organização do espaço, com indicação das áreas para moradia, produção, reserva florestal, vias de acesso, entre outros aspectos. Além disso, o PDA relaciona as atividades produtivas a serem desenvolvidas no assentamento, as ações necessárias à recuperação e à preservação do meio ambiente, o programa social e de infraestrutura básica (INCRA, 2009).

O acampamento Herdeiros⁵, definiu por realizar esse processo de forma auto-organizada, na intenção de “adiantar o trabalho” em uma perspectiva de conquista judicial e implementação de assentamento, já que é um processo que demoraria um tempo considerável em relação à extensão territorial da área e a quantidade de famílias. Também, em uma perspectiva de que mesmo sem acesso à política de reforma agrária, fosse possível, de forma organizada e preparada, realizar a divisão de lotes, a partir de um planejamento dos demais espaços do território e de uma maturidade em relação ao estudo das diversas dimensões, no que se refere ao desenvolvimento de um assentamento.

A primeira etapa a ser desenvolvida eram as medições, que seriam realizadas por um grupo de acampados que tinham treinamento técnico para a função e posteriormente seriam conferidos e assinados por um profissional contratado, legalmente credenciado. Esse trabalho foi registrado pelo Jornal Campesino (2018), “Os próprios acampados e acampadas estão medindo o território, águas, reservas, estradas, espaços comunitários, etc.. A medição tem sido realizada por terra, com a utilização de GPS [...]” (JORNAL CAMPESINO, 2018, p.02).” Ainda consta que,

O objetivo é que se possa planejar de forma estratégica a produção da vida no futuro assentamento, tanto no âmbito familiar, quanto no âmbito comunitário. A água precisa ser distribuída, a logística das estradas viabilizadas, e o meio ambiente preservado como a maior riqueza. (JORNAL CAMPESINO, 2018, p.02).

Entretanto, no início do ano de 2018, sem dar sequência ao processo de PDA, apenas

⁵ Para obter maior fluência da escrita e na leitura, utilizaremos apenas o primeiro nome do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, no caso, “Herdeiros” como é frequentemente mencionado em momentos informais.

com as medições concluídas, o acampamento toma a definição de “se espalhar” como é nomeada a ação pelos próprios acampados. Antes de realizar a ação, houveram alguns ajustes na organicidade, e os grupos de base foram padronizados para a composição de 50 cadastrados, já que posteriormente haveria o sorteio dos talhões que continham esse mesmo número de lotes. A partir de agosto de 2018, o acampamento passa por uma nova reorganização territorial como já citado neste item, onde as famílias se dividem em unidades familiares, em torno de cinco novas comunidades, que ainda estão em processo de construção.

A partir desse passo na história do acampamento, torna-se mais difícil descrever a realidade, devido ao pouco tempo em que o acampamento se encontra nessa nova configuração. Durante as entrevistas individuais os jovens trouxeram alguns relatos sobre as dificuldades dessa nova realidade:

[...] está sendo difícil pois anteriormente havia espaço para plantio hoje o nosso lote é coberto de pinus então não temos como plantar nem sequer para subsistência que dirá para renda [...] a distância aumentou, possuímos limites na comunicação pelo fato de a maioria das famílias não terem luz e muito menos acesso à internet ou a rede telefônica (ENTREVISTADA 3, 08/03/2019).

[...] enquanto a gente tava reunido, o ônibus assim tinha um ponto específico, você tava ali e sabia que o ônibus ia passar. Agora tem gente que anda 5, 6 km pra poder pegar o ônibus que só passa na estrada central né, então... Aí tem lote que ficou mais retirado (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019).

Como já mencionado, o acampamento não se trata de um território permanente. Seu objetivo central é a constituição de um novo território, o assentamento. A ação empreendida fez com que embora continue sendo acampamento, o cotidiano e o comportamento das famílias, a partir da configuração e unidades produtivas individuais, fossem alterados, demonstrando que outras prioridades estão colocadas no presente momento, processo assemelhado ao que ocorre em grande parte das transições de acampamento para assentamento. Está em curso a elaboração de outra organicidade e dinâmica de funcionamento, que ainda não encontra-se consolidada, portanto limitada quanto a descrição.

2.2 O JOVEM E O CAPITALISMO NO CAMPO

Discutir a vida em um acampamento do MST, passa por reconhecer as influências que perpassam predominantemente os territórios agrários. Nesse sentido, embora não possamos falar em hegemonia do agronegócio, porque consideramos território em disputa, devemos reconhecer que mesmo com constituintes marcas de luta, organização e resistência, as

condições impostas pelo capitalismo à juventude no campo estão profundamente presentes. Assim, faremos um esforço de discorrer sobre as principais problemáticas, à luz dos referenciais teóricos, entrelaçadas com elementos obtidos a partir da pesquisa ação.

A partir dos anos de 1990 nota-se uma crescente abordagem em trabalhos acadêmicos acerca do tema “juventude camponesa” ou “juventude rural” (CASTRO 2005). Predominantemente, a juventude tem sido discutida em relação ao fenômeno do êxodo rural, no qual o jovem tem como estabelecido ter seu futuro no campo interrompido pela migração para a cidade, tal como destaca a autora,

[...] os esforços se voltam para analisar “jovens rurais” associados ao “problema da migração rural/urbano”, da herança e sucessão da pequena propriedade familiar. E ainda, trabalhos que focalizam “jovens” que já migraram de áreas rurais para áreas urbanas” (CASTRO, 2005, p. 25)

Partindo da problemática do êxodo rural, também existe a abordagem que apresenta o jovem como um ator político, agente transformador de sua própria realidade, em diálogo com as desigualdades do campo, que segundo a autora, “[...] estes esforços nem sempre consideram que a mudança dessa realidade vai muito além dos esforços individuais, demanda ações coletivas e mudanças mais profundas na realidade” (CASTRO, 2005, p. 26).

Independente da abordagem, que coloca o jovem diante do determinismo ou ativismo, o êxodo rural é uma situação impulsionada pelos problemas que o campo brasileiro apresenta e que relegam aos povos uma dura realidade de enfrentamento cotidiano para continuar reproduzindo suas vidas em seus territórios. Quando falamos de êxodo rural não se trata simplesmente de um abandono ou desinteresse pelo campo em detrimento dos atrativos do meio urbano, mesmo que “A imagem de *jovens* desinteressado pelo campo e atraídos pela cidade não é nova, faz parte da literatura clássica sobre o campesinato” (CASTRO, 2009, p. 182). O agronegócio, atual modelo de desenvolvimento produtivo do capitalismo para o campo, deixa impactos nas mais diversas dimensões da vida dos sujeitos, como destaca o autor,

Esse modelo comandado pela agricultura capitalista tem expulsado o campesinato, territorializando grandes proprietários fundiários e empresas rurais orientadas para a produção de monoculturas destinadas a exportação em oposição à demanda por alimentos. Destarte, a miséria, pobreza, violência, expulsão dos camponeses do campo, degradação ambiental e o fim da diversidade agrícola são consequências do agronegócio. É preciso destacar ainda que este modelo nega a gravidade da concentração da terra e ignora a manutenção do rentismo fundiário. (ROOS,2012,

p. 04)

Nas palavras do autor, destacamos os impactos sociais desse modelo de produção que condicionam a expulsão dos jovens do campo. Portanto, reafirmamos que no cerne da problemática tratada aqui, encontramos o processo de consolidação do agronegócio, desde seu início com a modernização da agricultura, até os dias atuais e suas estratégias de consolidação, como nos trazem os autores,

Os jovens brasileiros oriundos do campo continuam a abandonar a agricultura e o meio rural para procurar alternativas nas cidades. Esse processo nos remete ao pensamento de cenas vividas nos anos 70, que contingentes de homens, mulheres e crianças que passaram por um processo de expropriação do campo para viver nos núcleos urbanos ofertando sua força de trabalho. Os motivos do passado se misturam com os atuais, onde o êxodo rural neste caso, não é fruto apenas de uma lógica que dita que a urbanização é o mundo das possibilidades, enquanto o campo é uma área atrasada, colocas-se na inviabilidade de questões materiais e estruturais predominantes no modelo produtivo agrícola do campo brasileiro, produzindo invisibilidade social para os jovens, pois a falta de políticas públicas exclui estes indivíduos da produção rural e minam suas possibilidades de ter uma vida digna no meio rural. A falta de iniciativas de políticas coloca os jovens do campo sob uma realidade que se agrava, segundo os dados do programa Brasil sem Miséria que apontam que de um total de 8,2 milhões de jovens rurais, 2,3 milhões vivem em situação de miséria, com renda mensal de 70 reais ou menos (OLIVEIRA, RABELO, FELICIANO, 2014, p. 02).

Nesse contexto, afirma-se que a juventude não é a única a ser atingida pelas mazelas do agronegócio, mas em muitos casos é a primeira a sair do campo, como expõe a autora,

[...]os problemas enfrentados pelos jovens são antes de tudo problemas enfrentados pela pequena produção familiar, e suas múltiplas formas de reprodução, como as difíceis condições de vida e produção. Nesse contexto algumas dificuldades atingem de forma mais direta os *jovens rurais* (CASTRO, 2009, p. 190).

Mafort destaca as dificuldades de inserção do jovem na produção,

O modelo do agronegócio não distribui renda e nem gera emprego para a juventude. O capital aplica um modelo de produção agrícola, sem agricultores e com pouca mão-de-obra. Isso traz como contradição a falta de perspectiva para a juventude, o aumento da migração e o despovoamento do interior. (MAFORT, 2003, p.21)

Mesmo quando são estabelecidos ramos de produção em que há trabalho para toda a família, o domínio da organização do trabalho e das finanças é realizado pelo pai, fazendo com que, muitas vezes, os jovens, e mais ainda as jovens mulheres, fiquem alheios ao processo de gestão e decisões. Percebe-se que o modelo do agronegócio ratifica e amplia a estrutura hierárquica e de opressão entre os sujeitos, principalmente pela organização da

produção. Como afirma a autora, “O peso da autoridade paterna no espaço doméstico é reproduzido nas relações de trabalho familiar e na organização do lote” (CASTRO, 2009, p. 193).

A ausência de trabalho e renda, coloca-se em certas ocasiões como determinante ao futuro dos/as jovens no campo, estando inter-relacionado com a questão da sobrevivência. “[...] em relação aos motivos e os desejos da saída dos jovens do campo percebemos que estão ligados ao trabalho e a elementos infra-estruturais que favorecem a reprodução social destes indivíduos” (OLIVEIRA, RABELLO e FELICIANO, 2014, p. 6). As dificuldades de construir a sua autonomia financeira os colocam em situação de maior vulnerabilidade. A autonomia financeira, é condição para a construção da autonomia em outros aspectos da vida, assim, “[...] as necessidades objetivas interagem com seu ‘espírito de jovem’ e os levam a buscar possibilidades em outros espaços” (JANATA, 2012, p. 214).

Frigotto (2004) analisa as condições de trabalho e educação no Brasil. Em sua pesquisa no que se refere a saída dos jovens do campo, conclui que “[...] para 55% dos jovens se coloca a questão de busca de trabalho” (FRIGOTTO, 2009, p 186). Segundo a pesquisa, a falta de acesso aos estudos está também como um dos maiores motivantes, “O baixo número de escolas, principalmente de ensino médio, bem como as dificuldades do transporte escolar são aspectos que resultam no abandono da escola” (MACHADO, 2013, p. 63).

Entretanto, Frigotto (2009) problematiza que o acesso a escola não garante por si só uma educação de boa qualidade, ressaltando: o dualismo (uma escola de acordo com a classe social); o desmonte da escola básica, tratando-a não como direito, mas como caridade, mediante campanhas de doação; e a desqualificação ocorrida mediante a pedagogia do mercado: pedagogia das competências e da empregabilidade (FRIGOTTO, 2009). Assim, como se não bastasse a penalidade de ter que sair do seu lugar de vida para estudar, os jovens camponeses sofrem mais essa, que é própria do sistema de educação oferecido a classe trabalhadora. Sendo a escola um espaço imprescindível para a formação da juventude, do qual direciona grande parte de sua construção social, ocorre o aprofundamento da falta de perspectivas e sonhos em relação a projeção de seus futuros, independente do espaços de vida que são almejados.

Em relação à participação política dos jovens no campo, percebe-se dificuldade na constituição da juventude enquanto sujeito organizativo, desde a esfera da família, comunidade e organizações mais amplas, isso porque é tratada sob uma ótica hierarquizada.

Segundo Castro (2009), “A observação dos espaços e formas como a categoria *juventude*, e, em especial, *juventude rural*, atual identificados como tal, trouxe uma série de elementos que contribuem para a compreensão desse fenômeno. A exclusão social é uma marca da juventude rural no Brasil [...]” (CASTRO, 2009, p.195).

Como aponta Castro, certas opções de interpretação da categoria “juventude” dificultam ainda mais a experiência política dos mesmos,

Privilegiar a característica de transitoriedade nas percepções sobre juventude transfere para aqueles assim identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Isto tem implicações desde a dificuldade de se conseguir o primeiro emprego, até a deslegitimação da sua participação em espaços de decisão. (CASTRO, 2009, p. 188)

Assim, “Podemos afirmar que jovem, como categoria, carrega o “peso” da transitoriedade e, portanto, é tratado como categoria social sobre a qual se deve atuar e não percebida através das formas em que se configura como ator social”. (CASTRO, 2009, p.205).

Aqui, por mais que concordemos que os jovens são sujeitos em formação, não há motivos para desprestigiar a participação dos mesmos na política. Os jovens se diferenciam em relação a concepções e ações, justamente pela menor experiência (em medida de tempo) e interação em relação ao mundo. Essa experiência diferenciada, garante que em processos sociais em que os jovens tenham seu espaço de autonomia e protagonismo, elementos únicos e importantes sejam acrescentados pelos mesmos. Essa constatação, nem sempre é apreendida dentro das organizações sociais, e quando é, por vezes, não ocorre a busca de potencializar a formação da juventude e dar atenção aos incentivos e condições abertas a sua participação. Todo processo de inserção, demanda dedicação e trabalho, tornando-se mais fácil relacionar o jovem à ideia de problema, do que buscar acertar na interpretação e construir as condições de sua efetiva participação e contribuição.

Socialmente ligada a ideia de consumo, o lazer é outra condição buscada pelos jovens. No campo, as opções são reduzidas. Ainda, nele e para além dele, as alternativas são limitadas na maioria das vezes pelo fator econômico da família, ou então, como já citamos, da autonomia financeira dos próprios jovens. Sobre isso, o Coletivo Nacional de Juventude esboça uma reflexão,

Mas a ideologia neoliberal nos faz acreditar que existe uma relação necessária entre lazer e consumo, que o lazer é mercadoria a ser comprada e está sempre longe de

onde estamos e do que já fazemos. Contraditoriamente (ou não, na lógica capitalista), se o lazer é algo que se compra, é preciso trabalhar mais para isso, e cada vez mais se o desejo for pelo acesso a formas mais sofisticadas (caras) de lazer, o que então não deixa tempo nem fôlego para desfrutá-lo. O lazer, como forma de atividade humana criativa, demanda trabalho, mas não para comprá-lo e, sim, para sua criação, organização. Jovens que vão para a cidade em busca de lazer, geralmente não têm a compreensão do que poderiam realizar, no assentamento ou fora dele, no campo ou na cidade, desde essa outra lógica (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016, p. 53)

Retornando ao elemento patriarcal na cultura camponesa, podemos percebê-lo, para além das dimensões econômicas e produtivas. Se como retratado até aqui, a vida no campo já é difícil para a juventude, as jovens mulheres sentem essa realidade ainda mais dura, assim como em um contexto geral, as mulheres da classe trabalhadora carregam a exploração de classe e patriarcal, enquanto elementos intrínsecos. Ambientes de violência e repressão são comumente vivenciados no interior das famílias camponesas, e, apesar de todos os membros serem afetados, as mulheres, e em especial as mulheres jovens (que carregam também as problemáticas relacionadas ao tema juventude) são mais atingidas.

As manifestações na família são apenas o início. Mas, nos detendo a ela, já podemos levantar um conjunto de consequências. Muitas vezes as jovens são reprimidas e até mesmo impedidas de participar da comunidade, continuar estudando, realizar certas atividades de cultura e lazer, viajar, etc. Sabemos que é em nossa experiência social que formamos nossa consciência, e com espaços e vivências restringidas ao alcance das jovens mulheres, vale questionar, quais serão as perspectivas de vida em relação aos projetos pessoais e coletivos que irão construir?

Outra problemática advinda muitas vezes desse ambiente de exclusão das jovens mulheres, é o “casamento precoce”, ou exclusivamente, o “casamento para sair de casa”, como identificado por Janata (2004), entre outros. Em nossa trajetória do campo, sobretudo como militante à frente dos trabalhos com a juventude, temos percebido que na busca consciente e inconsciente de fugir de um ambiente tutelado, de violências e pobreza encontrado na família, e buscar “liberdade, autonomia e acesso” (tendo em vista a ausência de autonomia financeira e a ausência de condições de construí-la no campo, e muitas vezes a falta de escolaridade para construí-la na cidade), as jovens buscam a formação de relacionamentos amorosos. Aqui ao tratar de casamento precoce, nos referimos às jovens que o realizam antes dos 18 anos, algumas poucas depois de completar o décimo ano de vida, uma ilegalidade no Brasil, mesmo que não sejam relações formalizadas, nesse caso, os homens são frequentemente mais velhos. Ambas as situações tendem a não apresentar as soluções

ansiadas pelas jovens, persistindo e até mesmo, aumentando os abusos machistas, a submissão, e as dificuldades que imperam a melhoria da vida. Esse debate pode ser ilustrado pelo dado obtido junto a Escola Itinerante da comunidade de que já houveram seis jovens que evadiram da escola devido ao casamento/união estável, todas mulheres.

No Brasil do latifúndio, onde a concentração de terras é marca histórica, podemos dizer que uma das maiores violências do agronegócio à juventude camponesa é a negação do acesso à terra. Só vinculados ao MST, existem cerca de 150 mil família acampadas. Embora a luta pela terra no MST é uma opção construída para a permanência da juventude no campo, como já discute Cezimbra (2017) e no caso estudado, mesmo sem a efetivação da política de Reforma Agrária, a organização dos acampados proporcionou o acesso para a maioria das famílias, uma realidade de campo como espaço de vida, de trabalho e soberania para todos os sujeitos, exige a construção de projeto de Reforma Agrária Popular. “Para que a juventude continue no campo, e a que foi retorne, é necessário que a reforma agrária esteja vinculada a uma moradia digna, à agroecologia, cooperação, geração de renda e emprego, novas relações de gênero, educação do campo e à produção de cultura viva, de classe” (ZARREF, 2016, p. 74). Dessa forma, somente o acesso à terra, mesmo que se trate de uma grande conquista, não garante as condições de permanência nela.

Mesmo que o debate tenha percorrido problematizações acerca da exclusão da juventude em meio a realidade que o campo brasileiro sofre sob a lógica de organização do agronegócio e reconhecido a necessária construção de um novo projeto de campo, não significa que o debate sobre juventude camponesa se encerre na determinação de que esse espaço deve ser a única opção para se projetar a vida. É essencial evitar a perspectiva pragmática que sobrepõe o campo a cidade ou vice-versa, já que a situação central que atinge a juventude está relacionada a classe social. O importante da luta empreendida na construção da Reforma Agrária Popular, é que a juventude possa ter desde o campo acesso às possibilidades de construir sua autonomia material e intelectual, de modo a não restringir seus planos e sonhos futuros, e sendo no campo suas projeções, possa encontrar as condições indispensáveis para uma vida digna.

3. JUVENTUDE NA PERSPECTIVA DO MST

Neste capítulo buscamos realizar um breve descrição do histórico e da atualidade do trabalho com a juventude no MST, expressando entendimentos que se constroem em relação à esse sujeito, sua participação política e seu processo de formação. Para tanto, as reflexões versam sobre: a perspectiva teórica utilizada para trabalhar a juventude no MST, tomando-a como referencial deste trabalho; elementos da trajetória do MST e as especificidades do trabalho com a juventude; enfim, a formação da juventude e o MST.

3.1. JUVENTUDE, UM CONCEITO EM DISPUTA.

A noção de juventude pode variar de acordo com a história das sociedades e os diferentes grupos sociais dentro de uma mesma sociedade, de uma mesma cultura. Compreender juventude é uma tarefa complexa, da qual é necessário lançar mão de diferentes abordagens científicas e metodológicas, não apreendidas até aqui. Portanto, o que se quer nesse item é problematizar algumas formulações sobre juventude, que estão, assim como as formulações de todos os conceitos, determinadas pelas relações de poder que permeiam toda a sociedade e destacar outras que teoricamente se apresentam mais representativas da realidade que se insere essa pesquisa. A existência de diferentes conceitos expressam uma disputa de ideias. Nesse sentido, há uma possibilidade diversa de concepções, de recortes, de caracterização ao abordar juventude, entendidas aqui como opção intencional de quem o faz.

Encontramos elementos que contribuem na formulação de parâmetros para o debate teórico sobre juventude no MST na entrevista com um dos membros do Coletivo Nacional de Juventude. Segundo ele, apesar de compreender a presença da diversidade ao falar em juventude, não é utilizada uma perspectiva teórica que trabalha com juventudes, “[...] partimos da concepção de que a juventude tem classe, é um sujeito político de transformação, é o que a gente chama de potencial transformador da juventude, embora também esteja sujeito a posições conservadoras na sociedade [...]” (ENTREVISTADO 9, 04/04/2019). O entrevistado ainda relata que é constante o esforço em utilizar da teoria marxista para realizar a abordagem do tema juventude, mas, ainda é um desafio aprofundar as elaborações coletivas realizadas no interior do MST.

Uma das dimensões usualmente considerada nas distintas definições é a etária, e que

certamente no Brasil, juridicamente é registrado como o período entre os 15 e 29 anos, segundo a referência estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e seguida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. No entanto, a utilização dessa dimensão como padronizadora é problematizada por Bourdieu (1984), quando defende que a idade definida biologicamente é um objeto manipulável, na medida que não encontra uma unidade social constituída em um grupo, ou interesses comuns de determinados sujeitos. O autor exemplifica que “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. [...] a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos” (BOURDIEU, p. 113).

Novaes (2007) reforça esse questionamento,

De início, vale lembrar que questionar a universalidade da categoria juventude significa reconhecer sua historicidade. Variam as idades cronológicas e as expectativas que as sociedades constroem sobre seus jovens. De fato, definições sobre infância, juventude e maturidade foram ganhando conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, no bojo de disputas econômicas e políticas. São arbitrários culturais e regras socialmente construídas que determinam quando, como e por meio de quais rituais as sociedades reconhecem as passagens entre estas fases da vida (NOVAES, 2007, p. 01).

Gropo (2000) define juventude como uma categoria social, que torna-se uma representação sócio-cultural na medida em que “[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 08). E ao mesmo tempo como uma situação social “[...] vivida em comum por certos indivíduos” (GROPPO, 2000, p. 08) a exemplo da pertença a uma classe, etnia ou gênero.

Janata (2016), traz os aspectos históricos do termo juventude, que fundamentalmente “[...] nos levam a compreender que o ato de trabalhar é uma atividade que está presente na delimitação da juventude moderna desde a sua origem” (JANATA, p. 17). Entretanto, segundo ela, há também os filhos da burguesia, que nesse mesmo período histórico possuíram o usufruto de ter a juventude como tempo de não trabalho, dedicando-se principalmente aos estudos. A autora aprofunda o debate apoiada em Abramo, explicitando a ideia de juventude como um tempo de socialização e preparação para uma vida autônoma, como uma criação surgida nesse tempo e que apresenta discrepância a realidade dos jovens da classe trabalhadora submetidos a necessidade do trabalho. Nas palavras da autora “[...] o padrão para se definir a condição juvenil está apoiado nos jovens burgueses. Assim, foram eles que

imprimiram “[...] o conteúdo da noção moderna de juventude[...]” (JANATA, 2016, p.20).

Com base nisso, abre-se um conflito entre as “ideias burguesas”, que circundam o conceito de juventude em grande proporção na atualidade e a materialidade em que vivem aqueles que pertencem à classe trabalhadora. Além de não ser possível gozar desse tempo de “liberdade”, os jovens vivem um contexto de privações ainda mais profundo, com a negação de direitos fundamentais como educação, lazer, cultura e o próprio acesso ao trabalho e renda. Assim, pode-se dizer que a “[...] condição etária e de classe se relacionam” (JANATA, 2016, p. 18). A autora, continua discorrendo,

Assumimos a perspectiva de que, embora a juventude possua marcas definidoras que distingam esse tempo de vida de outros, por outro lado, não pode apenas ser compreendida como um tempo em si, porque só existe na relação com o outro, que é o não jovem, diante da universalidade que envolve ambos (JANATA, 2019, p. 18).

Tendo em vista que o jovem só existe em relação ao outro que não é jovem (adulto), e por seguinte, em relação ao contexto social que os envolve, é necessário afastar de vez o debate da juventude da concepção idealista e a-histórica que se constituiu ao decorrer dos tempos. “Juventude é uma categoria geracional que encerra na classe suas questões fundamentais” (JANATA, 2016, p. 17). A crise da juventude, retratada por tantos autores, precisa ser compreendida em relação a crise da classe trabalhadora, em decorrência das contradições do próprio sistema capitalista, como expressa a autora,

Contraditoriamente, a juventude é criada e ao mesmo tempo desperdiçada pela sociedade moderna. O que, em outras palavras, significa que todo esse potencial juvenil é aprisionado pelas condições objetivas de sua vida, efetivamente sob a ordem do capital. Não é possível à juventude se realizar plenamente numa sociedade em que os seres humanos são parciais e fragmentados, em que desejos e propósitos, normas e princípios éticos são irrealizáveis, ou o são desigualmente. (JANATA, 2016, p. 23)

Ampliando essa argumentação, Ianni (1968) desenvolve e defende uma concepção do jovem que se funda numa compreensão “*histórico- estrutural do comportamento humano*”. Dessa maneira, “O jovem não é visto abstratamente, desvinculado do universo econômico e sócio-cultural em que se produz, mas exatamente em conexão com esse universo, conforme ele afeta a consciência da situação da própria pessoa, da classe social e da sociedade global” (IANNI, 1968, p. 240). Para o autor, o essencial para compreender o comportamento juvenil na era capitalista é visualizar as condições de sua inserção na estrutura global, que está na base dos processos psicológicos, sociais e culturais, do que os especialistas apresentam como um período de crises (IANNI, 1968).

Diante dos autores abordados, extraídos de elaborações utilizadas pelo Coletivo de Juventude do MST, obteve-se um debate restrito sobre juventude, mas, com elementos centrais para subsidiar as análises deste trabalho que acima de tudo, pretende olhar para as especificidades desses sujeitos. A seguir, trataremos dos elementos particulares à presença da juventude no MST.

3.2 O MST E O TRABALHO COM A JUVENTUDE

A gênese do MST foi determinada historicamente por diversos fatores, dentre eles é indispensável destacar: o aspecto socioeconômico das transformações que a agricultura brasileira sofreu na década de 1970, com a modernização da agricultura e conseqüentemente a expulsão de um grande contingente populacional do campo, que inviabilizados de migrar para as cidades e fronteiras agrícolas, carregavam consigo o desejo de permanecer no campo e na região onde moravam; o aspecto ideológico do trabalho de conscientização e reorganização das lutas camponesas, realizado pela Comissão Pastoral da Terra- CPT, com caráter ecumênico, que unificou o trabalho de base promovido pelas igrejas Católica e Luterana e projetou a necessidade da criação de um movimento nacional; o aspecto político conjuntural de redemocratização do país, ao final da Ditadura Militar, que fez com que parte da sociedade, não camponesa, reconhecesse a luta pela reforma agrária como importante para derrubar o modelo neoliberal, apoiando as primeiras ocupações de terra (STÉDILE, FERNANDES, 2012).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se forma em 1984 e constitui-se como movimento popular, que agrega ao caráter sindical da luta pelo interesse particular de acesso à terra, o caráter político, de fazer parte da luta de classes. Assim, tem como objetivos centrais a Luta por terra, a Luta pela Reforma Agrária e a Luta pela Transformação Social (STÉDILE, FERNANDES, 2012). “ [...] está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais (MST, 2019). Dentre as formas de luta encontramos: as ocupações de terras, como a mais importante; os acampamentos permanentes localizados fora das ocupações; as marchas; os jejuns e greves de fome; ocupações de prédios públicos; vigílias; manifestações nas grandes cidades; etc (MORISSAWA, 2001).

Ocupa lugar de destaque na luta camponesa pela terra, é diante dos movimentos dessa

década, o principal, por ter uma organização mais sólida, de caráter nacional. Constrói uma luta de expropriados da terra que resolvem construir um futuro baseado na negação do presente. Não se trata apenas de uma luta por conseguir uma nova opção de vida para essa parcela da sociedade brasileira, mas revela uma estratégia que acredita ser possível, hoje, a construção de uma nova sociedade, de justiça, dignidade e cidadania (OLIVEIRA, 2001).

[...] é um movimento que articula simultaneamente a espacialização da luta, combinando-a contraditoriamente com a territorialização deste próprio movimento nos assentamentos. Possui e dá importância à sua estrutura organizativa democrática, de base, efetivamente de massa. Estrutura organizativa que respeita as diferenças desses movimentos em várias partes do país, e que tem um coletivo nacional representante das diferentes regiões onde o movimento atua. É um movimento diferenciado, pois respeita as decisões tomadas coletivamente. É um dos poucos lugares deste país onde a discordância se dá na discussão de uma determinada concepção ou na tomada de uma decisão. Mas, uma vez vencida uma proposta, ela é abraçada por todos e levada à prática por todos (OLIVEIRA, 2001, p. 196).

A partir dos anos 2000 o MST passa a defender uma proposta de Reforma Agrária diferenciada em seu conteúdo, dado ao novo período histórico de hegemonia do agronegócio no campo brasileiro. Essa proposta foi definida como Reforma Agrária Popular e sintetiza as principais ideias acerca da estratégia de resistência ao modelo capitalista de agricultura, projetando um novo modelo voltado aos interesses de toda população brasileira e que precisa ser discutida pela mesma (MST, 2014),

A agricultura é parte do conjunto de sistemas formados, principalmente, pelo capital financeiro, que controlam também os sistemas industriais, tecnológicos, mercantis e ideológicos, como a grande mídia corporativa. Nesse contexto, a Reforma Agrária precisa extrapolar a simples distribuição de terra concebida pela Reforma Agrária clássica. É preciso um programa de mudanças que inclua a reestruturação da produção, das técnicas e das escalas para garantir a soberania alimentar. Para isso, a Reforma Agrária Popular, deverá organizar agroindústrias cooperativas, mudar na matriz tecnológica de produção para a agroecologia [...] e priorizar a produção de alimentos saudáveis (FERNANDES, 2012, p. 499).

E tudo isso deve ser acompanhado do acesso de qualidade à educação, a saúde e a produção de uma nova cultura. Todas estas transformações devem ser acompanhadas com mudanças nas relações sociais, que permitam maior participação política e econômica dos jovens e das mulheres e que o camponês seja senhor do seu destino. Resumindo em uma frase do programa: O campo deve ser um lugar bom e digno de se viver (STÉDILE, 2018, p. 21).

O trabalho com a juventude no MST sempre existiu, todavia não enquanto uma preocupação específica, já que o MST se propôs desde sua gênese a trabalhar com toda a família. “Muitos daqueles que fizeram parte do processo de formação e organização do Movimento em diversos estados brasileiros eram, na época, jovens” (MARTINS, 2009, p.

154). A juventude esteve presente na construção do MST, tanto na constituição, quanto na condução política. Sua primeira tarefa foram as ocupações,

Acampar aos 16 ou 17 anos era uma opção efetiva para os filhos de trabalhadores Sem Terra e, mais adiante, para os próprios filhos de famílias assentadas. É importante lembrar que o Movimento foi constituído por famílias inteiras e suas primeiras lideranças foram jovens. (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2016, p. 47)

Grande parte dos jovens presentes na gênese do MST iniciaram sua militância através das ações da Igreja Católica, embora também houvesse participado de sindicatos e partidos. A vinda dos jovens urbanos para o MST também faz parte de sua história, em diferentes momentos, inicialmente em função da continuidade da militância, e posteriormente jovens das periferias das cidades tem encontrado no MST uma alternativa para a sua sobrevivência (MARTINS, 2009).

A medida que a educação passou a ser uma bandeira central do Movimento, a formação dos jovens, ainda que indiretamente, passa a ser problematizada. Além disso, estes passam a ocupar grande parte das atividades relacionadas às tarefas educativas, e ingressarem nos cursos formais de Ensino Médio Profissionalizante e Superior, frutos de parcerias entre MST e instituições públicas. A partir de 1990, a preocupação com juventude e com a sua participação aparece de forma mais nítida no Movimento, trazendo demandas e desafios. Evidencia-se uma segunda geração de jovens nos acampamentos e assentamentos, e “[...] mostra a necessidade de criar condições para que eles permaneçam no campo e também assumam a bandeira da luta pela Reforma Agrária e pelo Socialismo pretendidas pelo MST” (MARTINS, 2009, p. 161).

Segundo as anotações do Caderno de Campo (Reunião do Coletivo Nacional de Juventude 02 a 04 de abril de 2019), a partir da Marcha Nacional da R.A, da qual houve uma participação expressiva da juventude, percebe-se a necessidade de trabalhar duas dimensões com o jovem do MST: uma a projeção da juventude militante para a que conduz processos, e outra, a organização de base da juventude em seus territórios, e aqui está a essência de constituição do Coletivo de Juventude no MST.

O Coletivo Nacional de Juventude funda-se dentro da estrutura organizativa do Movimento em 2007. Desde então, há uma inserção significativa dos jovens nas lutas massivas e de uma pequena parte na militância dentro dos demais Setores e Coletivos, com os quais mantém relação permanente. O Coletivo de Juventude não realiza apenas tarefas,

organiza sujeitos e os projeta para a inserção das mais diversas tarefas, inclusive na construção de espaços formativos e organizativos para os demais jovens. Em suma, o Coletivo de Juventude é o espaço que organiza a participação política dos jovens, preocupa-se com as questões específicas desse sujeito, e junto ao MST, posiciona-o na luta concreta (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019).

No que diz respeito às linhas de ação de trabalho com a juventude no MST, encontramos os elementos: do **trabalho de base**, com intenção de massificar, inserir, organizar e debater seus próprios problemas; da **luta por políticas públicas** que possibilitem a permanência no campo; do envolvimento em **processos de produção** camponesa, em suas várias dimensões; da construção de uma **nova cultura política**, desde os cursos de formação e práticas gerais; da **agitação e propaganda**⁶, desde a formação de brigadas, com ações de arte, cultura e luta; da **formação política e ideológica** que projete militantes; no aprofundamento dos **temas presentes na realidade dos jovens**; na contribuição com a **organização da juventude urbana**; na **inovação do método de organização e formação**; no aproveitamento dos meses de **férias para realizar atividades políticas** (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2018).

A organicidade⁷ do Coletivo de Juventude é estruturada em nível local, regional, estadual e nacional, para que consigam pautar os debates gerais do MST e específicos de um programa de formação e lutas da juventude. Entende-se que sem coletivo organizado, não há força política (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2018).

Como encontra-se expressa na entrevista realizada com um dos membros do Coletivo Nacional de Juventude do MST, a experiência de organização da juventude nos territórios de Reforma Agrária não remete somente a organização dos nomeados Coletivos de Juventude sob uma única influência política, assim como, “[...] não necessariamente são jovens organizados no próprio Movimento [...] tem jovens que se organizam na base pela cultura, pelo esporte, pela produção, outras dimensões que não necessariamente é o modelo organizativo do MST” (ENTREVISTADO 9, 04/04/2019). E segue afirmando,

⁶ O termo agitação e propaganda faz parte das formulações de Lênin (1984) sobre o processo soviético, e abrange as diversas formas de fazer agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os processos da revolução. É uma ferramenta retomada pelos movimentos sociais na luta política da atualidade (PACHECO, 2018).

⁷Organicidade indica o processo através do qual uma determinada idéia ou tomada de decisão consegue percorrer de forma ágil e sincronizada o conjunto das instâncias que constituem a organização, desde o núcleo de base de cada acampamento e assentamento até a direção nacional do MST, garantindo a participação efetiva de todos na condução da luta em suas diversas dimensões (CALDART, 2012).

[...] a gente costuma dizer que o Coletivo de Base é o pilar de sustentação do Coletivo de Juventude, que sem a organização da juventude na base não faz sentido ter um Coletivo Estadual, um Coletivo Nacional, então ele ganha uma centralidade muito grande [...] esses Coletivos tem que mexer com a vida política dos acampamentos, dos assentamentos, mexer com a vida política dos nossos territórios, ou seja, o que a gente chama de forças vivas dentro dos territórios [...] (ENTREVISTADO 9, 04/04/2019).

Nesse sentido, a formação dos Coletivos de Juventude ou a influência do MST em qualquer que seja o formato dos espaços coletivos em que a juventude se organiza, são fundamentais, para direcionar uma intervenção politizada, pois acima de tudo: “Precisamos construir uma cultura organizativa e identidade com o campo que lhes possibilite participar da vida política do assentamento, comunidade rural etc.” (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2019, p. 114).

Ainda, encontramos uma síntese das características dos Coletivos de Juventude de base,

Os coletivos de juventude precisam ter quatro características principais: leve, de massas, atrativo e formativo. Leve, porque os jovens não se organizam pelas mesmas formas que os assentados, tem certa flexibilidade, não precisa ter só formação densa. De massas, porque ele deve envolver e organizar o máximo de jovens possível, ter bastante participação, pois nós queremos ser milhões organizados(as). Atrativo, porque a juventude precisa estar motivada, animada a participar de espaços políticos de organização, não basta ter espaços de política se estes não dialogam com o nível de consciência dos(as) jovens. Formativo, porque não basta só animação, empolgação, a juventude precisa ter consistência ideológica, se não estará sujeita a posições e caminhos conservadores, por isso é necessário ter formação que contribua com a elevação do seu nível de consciência política e cultural (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019, p. 114).

Tais considerações sobre linhas, formato, método e linguagem, apontam alguns os acúmulos do MST com o trabalho com a juventude, mesmo que o próprio Coletivo Nacional de Juventude do MST reconheça as lacunas das elaborações enquanto intelectual coletivo nesta temática.

3.4. A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE E O MST

O MST possui uma concepção ampla e complexa de formação, que envolve distintos tempos e espaços formativos e abrange múltiplas dimensões humanas. A formação dos sujeitos advém principalmente da prática social do Movimento e se desenvolve no cotidiano

das lutas da organização, presente nas relações de trabalho, das lutas e dos conflitos, dos processos sistemáticos de estudo, etc. Entende-se segundo Caldart (2012) que o jeito pelo qual o MST historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra, forma uma pedagogia,

A materialidade da luta e das relações sociais construídas e transformadas para sua sustentação são as circunstâncias educadas, para conduzir a formação de um determinado tipo de ser humano. E como educador das circunstâncias e sujeito de práxis, o movimento social se constitui como sujeito pedagógico, pois põe em movimento diferentes matrizes de formação humana, entre as quais, e com centralidade, a matriz formadora combinada da *luta social* e da *organização coletiva*, em sua articulação necessária com as matrizes do *trabalho*, da *cultura* e da *história* (CALDART, 2012, p.547).

Ao fazer parte dessa organização política, os sujeitos em luta, possuem sua consciência disputada, em relação a narrativa ideológica predominante na sociedade capitalista e a sua realidade de vida no MST. Caldart (2012), segue argumentando,

Dizer que a luta social educa as pessoas significa afirmar que o ser humano se forma não apenas por processos de conformação social, mas, ao contrário, que há traços de sua humanidade construídos nas atitudes de inconformismo e contestação social, e na busca de transformação do “atual estado das coisas” (p. 550).

Sabendo que, a juventude “[...] é formada para reproduzir o que já está posto na engrenagem instituída pelo modo de dominação real, ou para, questionando-o, permitir verificar o que pode ser feito para superar dito modelo” (TRASPADINI, 2010, p. 02), também é necessário considerar que a segunda metade do séc. XX, foi marcada pelo surgimento de diversas organizações populares que tiveram grande influência na disputa política brasileira do período e posteriormente, com hegemonia neoliberal e os avanços e contradições do projeto neodesenvolvimentista no Brasil, a maior parte dessas organizações sofreram refluxo. Assim, “Na década de 1990 o cenário se modifica: o neoliberalismo adentrou a seara dos movimentos sociais — com raríssimas exceções — modificando não apenas suas formas de luta, mas principalmente sua disposição para a luta” (GOMES e COUTINHO, s/d, p.01).

A adesão ao ideário neoliberal significou abrir mão da concepção das políticas públicas como direito, do caráter universal e gratuito dos serviços. A solidariedade entre os trabalhadores foi rompida e a luta pela garantia dos direitos sociais e políticos foi substituída pela participação nos projetos do governo sem nenhuma crítica às estruturas de dominação da sociedade capitalista. (GOMES e COUTINHO, p. 01)

Esse processo ocasionou um descenso da luta de massas, acompanhado da fragmentação e falta de clareza de projeto para o conjunto da esquerda brasileira, somado a

situação de conciliação de classes, impossibilitou a formação de grandes lutas no interior da sociedade. Desse período histórico herdou-se a despolitização das massas, sintoma da permanência da hegemonia neoliberal no âmbito do consenso ideológico. Essa leitura está presente no Coletivo de Juventude do MST (2016), quando se refere aos desafios da formação da juventude,

Este é o momento atual, em que as contradições se acirram, mas não se explicitam à grande maioria e o ambiente social ideologicamente construído é desfavorável à participação política, referencia o isolamento e a ideia de que luta e organização coletiva são coisas ultrapassadas (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2016, p. 45).

Embora consta este cenário, também ressalta-se as possibilidades formativas em meio ao advento de um novo ciclo de mobilizações da juventude brasileira. Este contexto é evidenciado por Pacheco (2018) a partir das mobilizações com expressiva participação da juventude: em Junho de 2013 em atos massivos descentralizados e em 2016 nas iniciativas favoráveis e contrários ao impeachment da Presidenta Dilma Rousseff; e das ações protagonistas pela juventude na luta pela educação a partir das ocupações de escolas e universidades, desde 2015.

Grosso (2015), ressalta que a juventude é um momento crucial da vida, em que os sujeitos adquirem um fundo de experiências sociais que pela primeira vez na vida são conscientemente recebidas, formando um quadro de referências que se tornarão base sobre a qual futuras experiências sociais serão avaliadas pelo indivíduo. O autor continua,

A juventude é assim concebida como fase da vida em que há uma vinculação experimental com a realidade e os valores sociais, contrastando com a maturidade, quando o indivíduo julgará novas experiências sociais com base nestes padrões já sedimentados, de modo mais racional e reflexivo. É por isto que o adulto tende a ser mais resistente à mudança social, pois aceitá-la pode significar a contestação de seus próprios quadros arraigados de referência pessoal e coletiva (GROSSO, 2015, p.08).

Diante dessas afirmações, é possível constatar que a juventude é um período da vida estratégico para trabalhar a formação em uma perspectiva de classes, no sentido de despertar um potencial de ação transformadora, e também incidir nas perspectivas futuras da relação do adulto com a política. Nesse mesmo sentido, a ofensiva realizada pelo capital, também possui grande repercussão nesse período, já que, “Todas as gerações estão sendo vítimas dessa investida ideológica, mas o estrago tem sido maior na juventude, exatamente por ser essa uma fase da vida de definições, de construção da identidade, de firmar uma visão de mundo” (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016, p. 52).

Ianni, (1968) investiga as condições da formação do “jovem radical”, evidenciando que este é, em primeira instância, “[...] *um produto natural do sistema social em que se encontra imerso* (IANNI, 1968, p. 238)”. Para tornar compreensível isso, o autor expõe que,

A história do regime capitalista tem sido a história do advento político da juventude. Em cada país em que se desenvolve o sistema capitalista de produção, os jovens assumem importância crescente no campo da ação política. Para instaurar-se ou durante o seu desenvolvimento, o capitalismo transforma de maneira tão drástica as condições de vida dos grupos humanos que a juventude se torna rapidamente um elemento decisivo nos movimentos sociais, em especial das correntes políticas de direita e de esquerda. (IANNI, 1968, p. 225).

Segundo o autor, o capitalismo produz as suas próprias possibilidades de destruição. Mesmo que a radicalidade tratada aqui, possa ser polarizada em dois extremos de interesses políticos das classes sociais, podemos constatar que embora com muitos aparatos de alienação, não é possível gerar uma visão apenas conformista e reacionária. É a própria condição de exploração e alienação que quando desvelada, torna possível o despertar da consciência de classe e com ela a atuação política na sociedade. Como prossegue Ianni (1968),

De fato, o que produz, afinal é a consciência da situação. Somente quando o indivíduo apreende intelectualmente a condição de trabalhador alienado é que se cria o revolucionário. No instante em que a consciência das contradições inerentes à situação se estrutura, o jovem passa a canalizar politicamente a sua ação, transformando-se em agente dinâmico da história, E assim, paulatinamente, o indivíduo vai compreendendo, como se diz Victor Serge, que o “sentido próprio da vida consiste na participação consciente na realização histórica. (IANNI, 1968, p. 236)

Entretanto, segundo Ianni (1968), existem jovens que não tomam consciência de sua situação. Não “apreendem as contradições fundamentais do sistema social”, e por tanto não se rebelam nunca. Segundo ele, “[...] o jovem que não se “rebela” não realizou a conscientização da condição alienada do homem na sociedade capitalista: ou porque foi amplamente envolvido e integrado pela ordem estabelecida ou por não ter condições intelectuais para formular a própria condição real” (IANNI, 1968, p. 240).

Hobsbawm (2005) ao tratar da consciência de classes, irá destacar o papel da organização. Para ele não se pode conceber que o surgimento de um regime socialista revolucionário, em todas as suas exigências, surja espontaneamente pela classe e isso também em quaisquer outras situações. Sendo assim, é necessário uma combinação entre classe e organização, que se concretizam nos partidos ou movimentos. Essa interpretação, trata a

ausência da vivência coletiva, a posição de isolamento, e principalmente a atuação política sem ser parte de uma organização mais ampla, como atrasos e empecilhos para intervenções efetivas de transformação na sociedade. Daqui, outro pressuposto que contribui na formação da consciência de classe dos jovens.

Um recurso fundamental na formação da juventude, enfatizado pelo MST, é a auto-organização. Para tanto é necessário o exercício coletivo e autônomo de aprender a ser protagonistas pela efetiva participação em práticas sociais que exijam esse protagonismo, ao mesmo tempo que implica em aprender a subordinar-se ativamente a um coletivo (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016). Sendo que,

[...] para os objetivos que temos, a formação do protagonismo juvenil é questão complexa, que em alguns lugares se torna um impasse: precisamos formar a juventude como protagonista e militante de uma organização coletiva construída por diferentes gerações e comandada, de modo geral, por adultos (ou jovens adultos). Militantes são aquelas pessoas que se colocam a serviço da organização e de sua causa. O desafio é garantir nas tensões das práticas concretas o justo equilíbrio entre protagonismo e subordinação ativa a uma organização coletiva, entre os coletivos de jovens e o conjunto da organização, entre as pessoas e seus coletivos (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016, p. 51).

Assim, no exercício da auto-organização se estabelece um importante elo para a inserção da juventude no MST, com perspectivas de que a juventude se aproprie de aprendizados sobre a atuação nesta organização coletiva mais ampla e a mesma possa aprender a considerar esses sujeitos reconhecendo as suas especificidades. O reconhecimento de impasses e tensões demonstra que as relações entre as gerações não estão resolvidas na prática cotidiana do MST, embora se tratem de contradições passíveis de superação. Outras ponderações específicas dizem respeito a necessidade de inovar, pensando linguagens adaptadas a realidade e as características da juventude.

[...] pensar metodologias criativas, participativas, que permitam o desenvolvimento político da consciência, bem como o seu envolvimento no processo organizativo do Movimento. A formação deve sempre buscar comprometê-la (a juventude). É importante resgatar o papel histórico que a juventude desempenhou em muitos processos revolucionários, como forma de estimulá-la para a luta, para a organização do povo, buscando subverter a ordem burguesa estabelecida (PIZETTA, 2007, p.03).

Está presente o desafio da formação da juventude dos territórios de Reforma Agrária, em uma perspectiva contra-hegemônica. Além da disputa de ideias instaurada e dos elementos já acumulados no próprio método de formação desenvolvido pelo MST, os esforços de reflexões nessa temática se ampliam quando problematizam-se as relações de poder que

permeiam as interpretações sobre juventude na sociedade e a situação de vida dos/as jovens trabalhadores/as do campo. Mesmo diante do limite de ser o Coletivo de Juventude um espaço político de recente inserção na estrutura orgânica do MST, é por meio do envolvimento dos próprios jovens, que cotidianamente sentem o peso de sua inferiorização, que são evidenciadas e enfrentadas as lacunas deste trabalho. A constituição dos Coletivos de Juventude nos territórios do MST, demarca uma posição política desta organização na construção das novas relações.

4. A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO DE JUVENTUDE DO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO

Este capítulo pretende descrever e destacar elementos históricos de como se configurou o Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, durante os seus cinco anos, assim como, as ações mais expressivas construídas pela juventude em seus processos de auto-organização e participação no MST. O intuito é possibilitar uma visão geral da experiência, sem pretensão de aprofundar as análises, porém, parte-se do entendimento que é um esforço fundamental para a compreensão do objeto de estudo e as conclusões da pesquisa.

Vale destacar que os dados apresentados neste item decorrem das entrevistas, da observação participante e dos registros em caderno de campo ao longo da inserção como jovem militante do Coletivo de Juventude do acampamento, região e estado.

4.1. A TRAJETÓRIA E ORGANICIDADE DO COLETIVO DE JUVENTUDE

A organização da juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, se articula desde o princípio aos processos do Coletivo de Juventude Regional (2012) e do Coletivo de Juventude Estadual (2011), que possui junto aos Setores de Educação e Comunicação e Cultura do MST, um histórico antecedente de trabalhos formativos e organizativos com a juventude no estado do Paraná, e em especial nos assentamentos e escolas da região.

Outro agente importante a se considerar é a participação do Centro de Desenvolvimento e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO), que nesse último período atua a partir de quatro eixos estratégicos e transversais: Agroecologia, Cooperação e Gestão, Gênero e Juventude. O CEAGRO auxiliou na construção do Coletivo Regional de Juventude, e seguiu trabalhando para intensificar e ampliar a articulação e organização dos jovens na região, com reuniões, oficinas teórico-práticas, seminários, cursos de formação e assistência técnica (MELLO, XAVIER, VIEIRA, *no prelo*).

Com o acompanhamento e contribuição do Ceagro, o trabalho com jovens ocorre a partir do Coletivo Regional de Juventude, com a atuação dos seus integrantes, que se configuram como sujeitos multiplicadores, nos coletivos locais de juventude, nas comunidades onde são inseridos (MELLO, XAVIER, VIEIRA, *no prelo*, p. 13).

No trabalho de pesquisa realizado por Janata (2012) e Vieira (2013), tendo como objeto de estudo a juventude estudante do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak/Assentamento Marcos Freire, localizado também em Rio Bonito do Iguaçu, é possível constatar, dentre outras diversas questões, a influência das iniciativas desse trabalho intersetorial realizado pelo MST, a partir dos sujeitos coletivos citados acima. Mesmo se dando em períodos distintos, e sendo apenas um caso local analisado cientificamente que trazemos aqui, podemos considerar parte de um mesmo processo, de experiências em curso, que demarcam acúmulos ao território regional, sua organicidade política e a formação de uma militância jovem vinculada a essas outras esferas de organização, que posteriormente irão impulsionar a experiência local do Coletivo de Juventude do acampamento.

O Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio teve início nos primeiros dias de existência do acampamento, em maio de 2014, assim como os demais Setores e Coletivos internos. Partiu da iniciativa da coordenação política, diante da intenção de estruturar todos os possíveis espaços previstos na estrutura organizativa do MST que pudessem auxiliar na vivência coletiva, no avanço da luta pela terra, além de impulsionar a inserção da juventude no próprio Movimento, debate que se encontrava em crescente fortalecimento no período e que condizia com o elevado número de jovens que comporiam a ocupação.

Após a ocupação, seguiu organizado e com o espalhamento dos Grupos de Base para os outros pontos de ocupação de espaço (Herdeiros I, Guajuvira, Lambari, Alojamento), foi reestruturado e criado em cada ponto um Coletivo de Juventude, que manteve uma periodicidade de reuniões entre as coordenações de cada um, o que garantia unidade política e várias ações conjuntas entre os seus integrantes. Entretanto, mesmo que em todos os espaços ele tenha funcionado, o tempo é variado, como relata um dos integrantes “Eu acho que desde o início mesmo o Herdeiros I foi o que se manteve mais organizado, e o Guajuvira um tempo. [...] Logo no começo que foi pro Alojamento tinha um Coletivo [...] Ali também era bem organizado. Mas daí ficou tipo só uma etapa [...]” (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019). Após o deslocamento das famílias para lotes individuais, em meados de 2018, as atividades ficaram suspensas, sendo retomadas no início do ano de 2019 com a organização de um Coletivo de Juventude, que se reúne na então nova comunidade central do acampamento.

A quantidade de jovens participantes dos Coletivos de Juventude durante a trajetória do acampamento possui muitas variações, tal como expressam os entrevistados: “Não é uma

quantidade fixa de jovens no Coletivo pois há sempre nova inserções ou novas saídas de jovens que perderam o interesse ou foram embora” (ENTREVISTADA 3, 08/03/2019); “[...] tinha uns 20 no acampamento base [...] No Herdeiros I massificou, mais daí foi dispersando. A gente acho que chegou nuns 30, 40, daí a gente começou a dispersar” (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019); “Eu acho que no Herdeiros I era uma base de 10 a 15 pessoas, era um dos maiores, então acho que a gente estava em umas 27 pessoas contribuindo, pesando no acampamento como um todo” (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

No período em que haviam os Coletivos de Juventude espalhados, a rotina de encontros seguia a organicidade do acampamento, que era de reuniões semanais em cada local e reuniões mensais entre as coordenações dos Coletivos. Uma das integrantes explica que muitas vezes era necessário ir além, e reunir mais vezes,

[...] conforme a gente recebia demanda, tipo de necessidade de fazer as coisas, ou de discutir alguma coisa, e até coisas internas que a gente precisava discutir, e fazer, a gente ia fazendo assim, toda semana a gente tinha uma reunião e às vezes no decorrer da semana a gente se reunia mais que uma vez né, pra realizar atividade (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

No ano de 2014, logo após a ocupação, o Coletivo de Juventude pautou um barracão específico para realizar suas atividades, neste caso os materiais foram conseguidos de forma coletiva e o trabalho para construção foi dos próprios jovens. Esse primeiro espaço era de madeira, chão com maravalha e coberto com lona (ver figura 5). Mais tarde, foi possível melhorar a estrutura e foi construído uma sala de madeira, cobertura de eternit e chão de cimento, construída pelo Setor de Infra-estrutura e utilizada também pelo Setor de Comunicação. Nesse ambiente já era possível guardar materiais, realizar estudos, além de utilizar a energia elétrica (ver figura 6 e 7). Ambos os espaços estão situados no Herdeiros I e foram fundamentais para a constituição de uma identidade coletiva.

Fotografia 5- Visão interna do barracão da Juventude em dia de reunião



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2014

Fotografia 6- Sala da Juventude e Comunicação



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2016.⁸

Fotografia 7- Reunião do Coletivo de Juventude



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2016.⁹

8 Foto de Danielson Postinguer.

9 Foto de Juliana Cristina.

Todos os Setores do acampamento eram compostos por representantes indicados de cada Grupo de Base, assim possuíam um número máximo previsto de participantes, mas os Coletivos de Juventude sempre foram abertos, com a intenção de envolver com o máximo possível de sujeitos. Muitas vezes, o Coletivo de Juventude envolvia jovens que não participavam nem dos próprios Grupos de Base (espaços mais amplos em que todas as pessoas do acampamento estavam inseridas), que geralmente contava com a presença de apenas um membro da família cadastrada em cada reunião, mas que poderia abranger toda a família. Relacionado a isso, outros integrantes mencionam como ocorria a composição,

Sempre ia o informe pelo Grupo que era pra ir um por Grupo. Daí foi a onde a gente começou a fazer o trabalho de base e juntando quem gostava de participar, de, de.. querer tá junto, de se ver dentro dos processos do acampamento, entendendo um pouco mais. Mas, não era assim um por Grupo, sempre foi mais, do tempo que tava organizado sempre tinha um ou dois de cada Grupo (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019).

[...] a gente gostaria, nem sempre a gente conseguia, que tivesse um de cada Grupo por exemplo. Só que eu por exemplo, eu não participava pelo Grupo, eu, eu não participava das reuniões que tinha no meu Grupo, eu contribuía só com a juventude, eu contribuía quanto coordenação, mas só com a juventude. E... assim como eu, tinha outros jovens que, só que a maioria dos jovens contribui no Grupo, mas tinha outros jovens que assim como eu era só no Coletivo de Juventude (ENTREVISTADO 1, 02/03/2019).

Como apresentado nas entrevistas acima, foram duas as portas de entrada evidenciadas na pesquisa para a inserção da juventude no Coletivo: indicação do Grupo de Base e o trabalho de base realizado pelos jovens já inseridos. Diante dessa constatação, as motivações pessoais são variadas, algumas citadas foram: “[...] para conhecer mais jovens, influenciado por alguns amigos (ENTREVISTADO 6, 26/04/2019); [...] para participar mais do Grupo (ENTREVISTADO 8, 27/04/2019); [...] porque uma vez eu vi uma oficina de batucada e achei interessante (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019); [...] eu contribuí como Sem Terrinha né, e daí... como passou essa fase, eu senti que precisava contribuir em outra coisa, continuar esse aprendizado que eu já tava tendo [...] (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

Desde o início “A gente tinha dois coordenadores né, um coordenador e uma coordenadora” (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019). A partir de 2016 o Coletivo de Juventude passou a exercitar uma divisão de tarefas mais ampla. Havia jovens responsáveis pelas finanças, formação, agitação e propaganda e pela produção na agrofloresta. Eram cerca de duas pessoas que coordenavam cada tarefa e a agitação e propaganda se configurava como frente, envolvendo mais jovens, aqueles que atuavam como educadores das linguagens da

batucada, da produção de materiais e do palhaço.

O Coletivo de Juventude compunha com seus representantes, tanto a Coordenação quando a Direção política do acampamento.

4.2. AS AÇÕES DO COLETIVO DE JUVENTUDE

As ações empreendidas pelo Coletivo de Juventude estudado se relacionam às demandas da vida política em um acampamento, às necessidades específicas da própria juventude e as questões gerais do MST. São ações que envolvem momentos de auto-organização e protagonismo, bem como momentos de participação em processos mais amplos, para além do próprio Coletivo, que são facilitados ou demandados aos jovens, devido a sua organização coletiva.

A partir dos elementos obtidos nas entrevistas individuais, das informações sistematizadas na reunião ocorrida no dia 13/03/2019, da observação participante e do relatório do seminário: “Juventude e Agroecologia: Trabalho, Organização e Luta Popular!”, realizado no ano de 2017, durante a 16ª Jornada de Agroecologia, em que o Coletivo de Juventude do Acampamento apresentou sua experiência, mesmo sem intenção de abarcar a totalidade, foi possível destacar as ações mais evidenciadas: atividades formativas; produção agroecológica; autossustentação do Coletivo de Juventude; iniciativas culturais; lutas e manifestações. Tais ações nos permitiram eleger algumas sub-categorias para análise, estando desenvolvidas na seção seguinte.

4.2.1 Atividades formativas

No acampamento, no decorrer dos anos, houveram distintas possibilidades de acesso a espaços sistematizados de formação realizados de forma intencional para potencializar a compreensão da sociedade e luta empreendida pelo MST, tanto externos, quanto organizados dentro do próprio território. Os jovens participantes do Coletivo de Juventude, por fazerem parte desse processo geral, estiveram presentes em diversos deles. Para além disso, houveram atividades específicas voltadas para a juventude, que neste caso, contaram também, em certa medida, com os esforços dos próprios jovens. Em uma das reuniões do Coletivo de Juventude do acampamento, realizada no dia 13 de março 2019, ocorreu o exercício de levantar as

iniciativas direcionadas a esse público. A síntese dessas informações, está apresentada no quadro abaixo.

Quadro 1- Síntese das atividades de formação voltadas à participação da juventude do acampamento de 2014 a 2019.

Atividades Formativas	Período
Escola Regional da Juventude: organizada em 03 etapas, com 04 dias em média, articulando o tempo escola (com aulas teóricas, oficinas e ações de intervenção nos locais onde ela era sediada) e tempo comunidade (com tarefas orgânicas do Coletivo de Juventude nas comunidades de origem dos educandos).	2015-2016- 3º turma/ 2017- 4º turma.
Curso da Juventude da Região Sul: aconteceu em uma etapa única com cerca de 20 dias. Contou com a participação de jovens com perfil de coordenadores. Já foi sediado no RS e no PR.	Janeiro e fevereiro- 2015, 2016, 2018, 2019.
Formação em agroecologia e cooperação: foram realizados oficinas práticas e teóricas, debates, seminários, intercâmbios e jogos.	Todos os anos
Formação em arte, cultura e agitação e propaganda: ocorreram oficinas técnicas, aulas teóricas, cursos estudos direcionados- através da metodologia de formação de multiplicadores. Os jovens tiveram acesso aos espaços de formação externos e/ou mediados por educadores externos e reproduziram os aprendizados com vários outros jovens no próprio acampamento.	Todos os anos
Formações diversas sobre o MST: foram articulados momentos de formação e estudo dentro do acampamento sobre temas suscitados pela prática política e organizativa dos jovens.	Todos os anos
Encontros da Juventude: os jovens participaram de encontros massivos em nível regional e nacional.	2016 e 2018
Ocupação do Núcleo Regional de Educação: num contexto de luta dos estudantes das escolas públicas, os dias de manifestação contaram com atividades de formação política.	2016
Jornada de Agroecologia: não é um evento voltado especificamente para a juventude, entretanto sempre contou com a presença massiva desses sujeitos. Na maioria dos anos, o Coletivo de Juventude dispôs de vagas diante da delegação do acampamento para	Todos os anos.

<p>garantir a presença da juventude. Na programação geral do evento houveram atividades voltadas a esse público.</p>	
--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Ilustramos na sequência duas atividades de formação, sendo elas: a Escola Regional da Juventude, a qual retrata a etapa que ocorreu no acampamento Dom Tomás Balduino, em Quedas do Iguaçu/PR (ver figura 8); além da a Oficina sobre Relações Humanas e Cooperação, com um educador voluntário externo ao acampamento (ver figura 9).

Fotografia 8- Escola Regional da Juventude



Fonte: CEAGRO, 2016.¹⁰

Fotografia 9- Formação interna sobre Relações Humanas e Cooperação.



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2018.¹¹

¹⁰ Foto de Thaile Lopes.

¹¹ Foto de Tharles França.

As atividades formativas descritas buscam contemplar uma formação humana ampla, que inclui a formação política dos sujeitos, já que todas as dimensões da vida são permeadas pelas relações políticas e precisam ser emancipadas para potencializar a atuação na sociedade no sentido da transformação social. Nas atividades articuladas e/ou construídas pelos jovens, visualizamos a presença de um aspecto educativo importante da auto-organização da juventude que é quando estes assumem parte significativa de seu processo de formação, nos momentos que, como parte das ações práticas em curso, suscitam espaços sistemáticos que qualifiquem essa atuação.

4.2.2. Produção agroecológica

A experiência mais incisiva do Coletivo de Juventude na produção agrícola foi realizada na agrofloresta comunitária do espaço do Herdeiros I. Esse terreno era de responsabilidade do Setor de Produção, da Escola Itinerante e do Coletivo de Juventude e foi por diversas vezes utilizado para as formações na área da agroecologia, ofertadas ao conjunto do acampamento, através de oficinas técnicas. (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST, 2017). Nas entrevistas, os jovens relatam o que era produzido e quais as finalidades dessa atividade,

A... tinha atividade de produção. E daí como a gente participava de eventos quanto estado, quanto região, a gente tinha demanda de contribuir quanto alimento, com... é com alimento. Então a gente produzia mandioca [...] banana a gente produzia bastante (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

[...] o Coletivo tinha a frente de produção que era um dos nossos meios de produzir e ter uma renda para o nosso próprio Coletivo. [...] e toda a produção que nós retirava de lá, nós vendia para os espaços do acampamento, e contribuía com a escola. Nós tivemos uma produção de feijão também, que não teve muito sucesso, mas pelo menos tentamos (ENTREVISTADO 8, 27/04/2019).

Segundo o que foi expresso pelos jovens durante a apresentação de sua experiência na Jornada de Agroecologia, a importância central da prática esteve nos aprendizados adquiridos, entre eles, os que envolveram: “conhecer a agroecologia; construir um espaço de produção que é referência para o acampamento; obter finanças para as atividades do Coletivo de Juventude; saber trabalhar coletivamente; desenvolver a capacidade de resolver problemas” (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST, 2017, p.03). As principais dificuldades também foram levantadas nesse espaço de socialização, tais como:

[...] conciliar as tarefas de produção da juventude, com o estudo, outras tarefas da juventude, compromissos na família, responsabilidades com o cadastro, etc; pouco conhecimento sobre as técnicas agroecológicas; pouco reconhecimento da dedicação ao trabalho e muitas críticas por parte de alguns integrantes do acampamento, que em alguns momentos desmotivam o Coletivo (COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE, 2017, p.03).

O protagonismo da juventude foi mais intenso durante os anos de 2015, 2016 e 2017. Abaixo, podemos ver duas imagens do trabalho da juventude na agrofloresta referida. Em 2018, dado a perspectiva de que a comunidade mudaria de local, o espaço parou de receber trabalho e investimentos.

Fotografia 10- Plantio de feijão



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2015.¹²

Fotografia 11- Manejo das bananeiras



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2016.¹³

Há um imbricamento entre os temas da agroecologia e juventude, no sentido de que o

12 Foto de Wellington Lenon.

13 Foto de Juliana Cristina.

primeiro apenas se efetiva quando considera o segundo, porém, dado ao recorte deste trabalho, não será possível tratar a relevância da experiência descrita em seus múltiplos aspectos. Ressaltamos aqui, os acúmulos no exercício da auto-organização, em especial os aprendizados do trabalho coletivo e da autonomia, que possibilitam aos jovens, um novo posicionamento nas relações de produção, contraposto às relações capitalistas do trabalho que reproduzem o individualismo e a submissão dos sujeitos.

No que diz respeito aos empecilhos, é possível compreender que os avanços da experiência foram limitados pelo curto período em que ela foi vigente e a disponibilidade de tempo pessoal a ser dedicado à mesma, considerando as questões específicas da relação dos jovens com o trabalho, que é diferenciada dos demais sujeitos e as questões específicas da prática agroecológica, uma matriz produtiva que contém diversos desafios em sua implementação. Os jovens, embora como já citado, tenham participado de um processo de formação em agroecologia, não tiveram tempo hábil de aprofundar os conhecimentos gerais e próprios da experiência singular que surgem ao decorrer da prática. Além de que, é possível considerar que podem não ter sido compreendidos pela comunidade em relação a esse conjunto de especificidades e aos aspectos positivos da experiência, expresso pelas constantes críticas desmotivadoras que sofriam.

4.2.3. Autossustentação do Coletivo de Juventude

Nem sempre diante do orçamento geral do acampamento era possível efetivar as demandas financeiras da juventude, ou até mesmo, conforme explica uma das jovens entrevistadas, compreender como sendo de importância equivalente a outras demandas,

Quando precisava de dinheiro, a gente combinava com a finança, a gente brigava com a finança (risos). Por causa que a gente tinha essa rejeição de, enquanto Coletivo de Juventude, talvez a direção, a direção não enquanto todo, mas talvez algumas pessoas não aceite muito que, que é... a juventude é um... não é Setor, é Coletivo! É um Coletivo importante pra luta continuar e pra ela se manter forte [...] (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

Dessa forma, mesmo que a responsabilidade financeira continuasse a ser do acampamento, para conseguir avançar na autonomia do próprio Coletivo, ocorreu a realização de vendas de lanches nos finais de semana e festas, além da comercialização pontual da produção na agrofloresta, formando um caixa específico da juventude. Outras experiências de geração de finanças em que os jovens participaram foram as duas edições da Feira de Economia Solidária e Agroecologia- FESA (Laranjeiras do Sul) e a participação em uma

edição da Jornada de Agroecologia (Curitiba). Em ambas as atividades, com a venda de sucos naturais, tapiocas caseiras e materiais diversos o recurso obtido teve retorno parcial para o Coletivo de Juventude local. Um dos jovens relata a experiência da barraca da juventude na Jornada de Agroecologia,

A Jornada do ano passado foi bem importante, conseguimos gerar finanças enquanto juventude, na feira que vendemos tapioca, apesar dos pesares, conseguimos comprar vários equipamentos para o Coletivo Estadual e ainda tirar uma ajuda de custo para os que contribuíram (ENTREVISTA 6, 26/04/2019).

Os recursos contidos no caixa da juventude eram destinados geralmente para a compra de materiais para as oficinas de agitação e propaganda, para a manutenção dos instrumentos da batucada e para o transporte e alimentação dos jovens na participação das atividades externas ao acampamento.

Fotografia 12- Barraca da juventude na FESA



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, maio de 2016. ¹⁴

A autossustentação é um pilar estruturante na vida e na organização juventude. As experiências realizadas pelo Coletivo de Juventude do acampamento não se aprofundam na resolução dos principais dilemas que envolvem esse debate, entretanto, embora singelas, garantem uma autonomia maior na atuação política da juventude que é um motivante para a continuidade de outras ações, assim como, permitem que os mesmos, compreendam e valorizem o processo de administração financeira contido no funcionamento da organização política.

¹⁴ Foto de Jaine Amorin.

4.2.4. Iniciativas culturais

As ações mais ressaltadas pelos jovens nas entrevistas foram as relacionadas à cultura, organizadas em formatos e objetivos diversos. Através do acesso aos espaços de formação na dimensão da agitação e propaganda, a juventude se apropriou de técnicas de determinadas linguagens artísticas, e com isso, muitos jovens atuaram como educadores na organização de oficinas com outros jovens, com as crianças e até mesmo com adultos da comunidade. Foram realizadas oficinas de: clown (palhaço); batucada; produção de faixas e cartazes; de pintura de murais (ver fotografia 13). Além das oficinas enquanto espaços de formação, o Coletivo de Juventude organizou apresentações culturais para a comunidade e para a escola, que foram realizadas em ocasiões de festas e eventos.

Fotografia 13 - Oficina Muralismo durante a Jornada da Juventude Sem Terra.



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2017. ¹⁵

Fotografia 14- Oficina de Batucada com os estudantes



15 Foto de Juliana Cristina.

Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2017.

Fotografia 15- Apresentação Clown durante o Encontro Sem Terrinha no acampamento.



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2017. ¹⁶

Outras ações desenvolvidas no âmbito da cultura foram a organização de noites culturais e sessões de cine-debate, em alguns momentos voltados para a juventude e em outros voltados para o público geral do acampamento, como relembra uma das jovens,

E a gente construía... espaço pros jovens, talvez os jovens que não participavam da, da do Coletivo de Juventude, mas que a gente via que precisava de alguma coisa legal para eles fazerem, uma coisa diferente, e a gente fazia tipo algumas oficinas, produzidas internamente, a gente fazia noites culturais, que eram abertas tipo pro acampamento todo, mas que era um coisa boa que não era só pros jovens, mas que a gente focava talvez um pouco mais nos jovens, pra, pra ter alguma coisa pra fazer durante esse tempo que eles ficavam ali no acampamento, talvez sem poder sair, sem condições (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

A entrevistada demonstra que além dos objetivos formativos das atividades culturais descritas até aqui nesta seção, esses momentos se configuraram como alternativas de sociabilidade e lazer, importantes dado a realidade em que estavam inseridas.

Uma tarefa desenvolvida pelo Coletivo de Juventude no acampamento, que mesmo sendo coletiva, em muitas ocasiões era associada a uma tarefa da juventude, era a realização de místicas¹⁷, ornamentação dos espaços coletivos e jornadas socialistas¹⁸ (ver fotografia 16 e

¹⁶ Foto de Tharles França.

¹⁷ A mística na prática do MST é um acontecimento sócio-político que se manifesta através de práticas discursivas não discursivas, gerando a identificação com os saberes da luta do MST (VIEIRA, s/d).

¹⁸ Jornada socialista na prática do MST é uma forma de organizar a mística, que traz elementos da história de luta dos trabalhadores, gerando a identificação com os processos revolucionários e de construção do socialismo (VIEIRA, s/d).

17).

Fotografia 16- Jornada Socialista sobre a Luta pela Terra



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, janeiro de 2016.

Fotografia 17- Mística e Ornamentação na festa de quatro anos do acampamento



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, maio de 2018. ¹⁹

A juventude do acampamento, em sua maioria aqueles e aquelas que também compunham o Coletivo de Juventude, eram os principais sujeitos que constituíam o Setor de Comunicação, o qual também tinha diversas iniciativas culturais. Dado a proximidade do caráter das iniciativas e a natureza da composição dos ambos espaços organizativos, além de algumas atividades serem construídas conjuntamente, havia uma grande identificação da juventude com as ferramentas e metodologias da comunicação, como expressa um dos entrevistados,

Tinha também o Setor de Comunicação que a juventude também participava, porque tinha a demanda de passar os filmes no acampamento, os filmes que levavam a formação, mas também ao lazer. Por um tempo teve até a rádio, que a juventude participava muito, mas com o tempo foi se perdendo (ENTREVISTA 8,

¹⁹ Foto de Danielson Postinguer.

27/04/2019).

O número expressivo de iniciativas culturais apresentadas, aponta que há uma identificação e um potencial na relação dos jovens com essa dimensão, tanto do ponto de vista da formação, pelo interesse e facilidade na apropriação e reprodução das práticas artísticas, mas também na perspectiva das contribuições para o território, que como já descrito no capítulo dedicado à caracterização do acampamento Herdeiros, é carente de acesso a lazer e a cultura.

4.2.5. Lutas e manifestações

Durante a trajetória do acampamento foram inúmeras lutas e manifestações realizadas. Nestas, a juventude esteve sempre presente. Entretanto, com o fortalecimento de sua auto-organização, essa intervenção foi sendo qualificada e direcionada para o envolvimento e protagonismo em tarefas relacionadas a agitação e propaganda. Em relação às contribuições da juventude nas mobilizações, alguns integrantes do Coletivo expõem,

Eu acho que de ação a gente contribuía muito né, nas ações enquanto batucada, enquanto produção de faixa, e além tipo dessa contribuição que a gente dava de, a gente massificava também, a gente sempre levava Coletivo de Juventude pra mostrar que a gente também tava na luta (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

Acho que em si as Jornadas de Lutas né, que a juventude se insere junto com o acampamento, e outras organizações dentro dela em si né, então a juventude sempre tá inserida pra fazer né uma... mostrar o serviço da juventude e dessas outras organizações para ver pra que que elas vieram (ENTREVISTA 4, 13/03/2019).

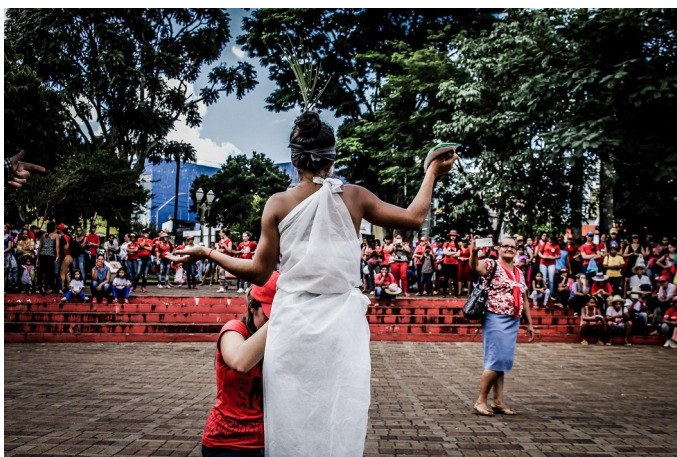
Eu acho interessante a participação na confecção de faixas em relação a protestos e esse tipo de coisa, porque o acampamento sempre eles falam que a juventude é bagunça, fervo, mas sempre que tem algum protesto, alguma coisa, quem participa, quem é mais envolvido na produção dos materiais é a juventude (ENTREVISTA 7, 26/04/2019).

O relato dos três entrevistados evidencia o reconhecimento que os próprios jovens possuem sobre a efetividade de sua participação nas mobilizações como sujeitos ativos e o diferencial adquirido após a sua organização enquanto coletivo.

As imagens apresentadas na sequência explicitam a intervenção em duas importantes mobilizações do acampamento. Uma delas, uma mobilização das mulheres durante a Jornada de Lutas de março, em que a juventude fez uma intervenção criticando os posicionamentos da justiça (ver fotografia 18), e outra, uma intervenção durante uma audiência pública sobre as questões agrárias envolvendo a ocupação (ver fotografia 19), ambas ações, com o tema da

criminalização dos movimentos sociais, pauta latente na região naquele período.

Fotografia 18- Intervenção durante a mobilização das mulheres



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, março de 2017

Fotografia 19- Intervenção da juventude em audiência pública.



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, 2016.

Além da participação em ações desse caráter com o conjunto do acampamento e do Movimento, houveram duas lutas protagonizadas pela juventude desde sua articulação regional em que o Coletivo de Juventude do acampamento teve participação ativa. Ambas foram relacionadas às demandas da educação pública e da Educação do Campo e se materializaram de forma mais expressiva com a ocupação do Núcleo Regional de Educação de Laranjeiras do Sul no ano de 2016. A primeira foi uma ocupação simbólica de um dia apenas, durante a Jornada Nacional da Juventude Sem Terra e envolveu outros Coletivos de Juventude do MST da Região (ver fotografia 20). A segunda fez parte das mobilizações

estudantis do segundo semestre, juntamente com os estudantes secundaristas das escolas do campo e urbanas da Região, onde a instituição persistiu ocupada por vários dias.

Fotografia 20- Ocupação do NRE de Laranjeiras do Sul pela Juventude do MST



Fonte: COMUNICAÇÃO MST, agosto de 2016

A relação da juventude com a luta é cotidiana, já que os mesmos residem em uma ocupação de terra. Entretanto a sua organização possibilitou uma participação ativa e reconhecida nas ações coletivas do MST e da classe trabalhadora, e a capacidade e consciência de se mobilizar por questões que atingem em particular a juventude.

5. A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE E A REPERCUSSÃO SOBRE SUA FORMAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO NO MST

Neste capítulo, pretende-se evidenciar e analisar as impressões trazidas pelos integrantes do Coletivo de Juventude nas entrevistas individuais acerca da inserção política, seu processo de formação e atuação no território e no MST, relacionando-as aos elementos trazidos nas considerações sobre a vida da juventude no campo e no acampamento, além das perspectivas e acúmulos de debate e trabalho do MST com esse público.

O Inventário da Realidade (2017) afirma a organização coletiva e a formação política como grandes pilares da luta empreendida pelo MST no acampamento, da qual, todas as famílias permanentemente foram envolvidas, mesmo que em distintos níveis. Em Cezimbra (2017) é possível visualizar que há um diferencial importante na construção da ocupação, devido ao protagonismo da juventude e aos incentivos no desenvolvimento de uma perspectiva política e social ampliada, havendo um esforço no seu envolvimento em processos organizativos internos e formativos. Esta pesquisa considera os acúmulos gerais do acampamento e reforça a referida constatação sobre a participação desses sujeitos, buscando evidenciar as potencialidades que o exercício da auto-organização, efetivada através da consolidação dos Coletivos de Juventude de Base, confere à formação dos jovens, e as contribuições destes para território e para o MST, compreendendo como um processo gestado há anos na região diante do histórico da luta pela terra e em especial desde o início da configuração dessa luta no ano de 2014.

Em todas as entrevistas realizadas, a construção do Coletivo de Juventude foi trazida como um espaço privilegiado para potencializar a participação e a formação da juventude no acampamento e no MST, sem a qual muitos não seriam estimulados a participar cotidianamente de tarefas militantes. Um dos jovens relata a importância deste espaço para manter o envolvimento permanente e conseqüentemente, a motivação para uma atuação ativa da juventude,

Participar do Coletivo de Juventude é importante porque as atividades foras não é todo dia que tem, tipo hoje tem uma, amanhã tem outra, eu acho que é interessante a gente ter tipo uma participação efetiva no Coletivo de Juventude Local, que a gente não perde essa sede tipo de fazer a diferença, de mudar, se a gente for tipo para um protesto, ai você chega, você vai na emoção, você grita lá, mas aí quando você retorna aquilo passa, e se você tá envolvido na juventude, ou algum trabalho assim que te incentive, tipo, você vai querer mais, você vai querer trabalhar, vai querer saber mais o que é isso, e querer aprender mais, tá mais envolvido pra entrar na luta (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019).

Como já afirmado, para Hobsbawm (2005) a organização coletiva proporciona avanços fundamentais na formação da consciência de classes e só através dela é possível promover a transformação social. Neste sentido, por mais que os jovens já participem do MST, sendo esta sua organização social que insere na luta de classes, existir uma organização específica e protagonizada pela juventude, faz com que esse processo seja potencializado pela intensidade maior de experiências,

Eu acho que se organizar é bem mais fácil, porque é bem mais fácil você ter um grupo de pessoas que pensa parecido, ninguém pensa igual, mas pensa parecido, tem a mesma proposta, tem quase a mesma visão de luta, de quanto isso é importante, a luta de classes e tudo mais, eu acho que é mais fácil de você, é... de você chamar mais jovens. Por causa- que, se você tiver uma pessoa, talvez essa pessoa consiga mais uma pessoa, agora pensa em 15, cada pessoa ia ter mais uma pessoa que conseguiu conversar, e talvez mudar um pouco, a maneira de ver o mundo digamos assim, então acho que é mais fácil esse da organização. E também a organização ela é muito importante pra que a gente faça de fato uma atividade, por causa que a gente tem que levar em conta, é...a por exemplo a opinião de todos né, então não tem como eu sozinho, na perspectiva no Movimento, do Coletivo de Juventude, não tem como eu sozinho decidir uma coisa e fazer, tem que ser um negócio coletivo. Então se a gente tem um coletivo, tem gente organizada é mais fácil acho que fazer assim... (ENTREVISTADO 1, 02/03/2019).

Eu acho que elas contribuem por causa que a partir do momento em que você tem uma formação e que você realmente participa e se dedica, você passa a ter uma outra visão. E tendo essa outra visão você passa a ter uma visão de coletivo, do quanto é importante decidir as coisas juntos, você vai deixando um pouco o individual, e aprendendo a conviver, a escutar o outro, e saber que nem sempre você vai tá certa, que você vai ter que escutar o outro, vai ter que chegar num consenso, e esse conhecimento que o MST traz da muito isso, pra gente (ENTREVISTADO 1).

Os entrevistados conseguem compreender a prática do Movimento como coletiva e visualizam que isso é fundamental para efetivar ações práticas da juventude, além de reconhecerem os aprendizados que advém de tais relações sociais como únicos e importantes para suas vidas.

Para os entrevistados o Movimento possui uma grande preocupação em relação à inserção da juventude, que segundo eles, comprova-se pelo conjunto de ações que incentivam a sua formação e a participação. Sob a percepção dos jovens, a importância maior contida nessas iniciativas é a continuidade geracional da luta. “[...] porque a juventude querendo ou não é o futuro do MST, o futuro do Brasil, em relação a tudo, porque se não for a juventude a gente não vai ter um projeto pensando mais lá na frente” (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019); “[...] a juventude vai ser o futuro, os que irão ocupar os cargos de direções, que irão carregar e levar para frente a luta” (ENTREVISTADO 6, 26/04/2019). Além da continuidade, eles percebem que há uma preocupação com a formação dos sujeitos para uma inserção

qualificada, onde justamente está um dos papéis essenciais do Coletivo de Juventude,

[...] continuar a luta, e que essa seja uma pessoa preparada mesmo, de tá enfrentando a realidade e vendo com outros olhos talvez do que essa sociedade em geral [...] com a continuidade da luta, com o conhecimento do jovem [...] (ENTREVISTADO 1, 02/03/2019).

[...] o que que o Coletivo em sí tá fazendo, acaba entendendo e acaba incentivando pra que a gente assuma o lugar de outras pessoas, que a gente acaba...estudando cada vez mais, pra gente poder fazer o nosso Movimento cada vez mais progredir pra frente né. E o processo do Coletivo de Juventude a importância é que a gente vai, é nesse coletivo a gente vai se aprimorando, se aprimorando pra que a gente venha a fazer uma luta bem mais esclarecida na mente da.. porque tem muito do... no começo tem muitos Dirigente no começo do acampamento que entram sem saber qual a verdadeira luta né, qual que é o objetivo central. E assim no Coletivo de Juventude a gente vai aprendendo porque que a gente tá lutando, porque que a gente tá indo numa ação, o porque que a gente tá indo de fato lá faze né, o que que a gente vai de fato lá fazer. A gente vai se esclarecendo porque se a gente ir num lugar sem saber o que vai fazer a gente acaba por não fazendo nada né, mesmo que alguém tenha um objetivo, mas se a gente não sabe a gente acaba não fazendo nada (ENTREVISTADA 2, 04/03/2019).

Apesar de todo peso que o MST tem depositado nos últimos anos no trabalho com a juventude e o reconhecimento dos jovens sobre a importância das atividades que participam e constroem, em especial quando estão organizados, o principal entrave evidenciado ao decorrer da pesquisa, considerando as falas dos jovens sobre diversas questões, diz respeito à conflitos presentes nas relações entre as gerações. Nesse quesito, os jovens relatam a visão que a comunidade tem sobre a juventude e sua organização, e como isso reflete nessa relação.

O Movimento em sí incentiva a participação da juventude, mas tipo... algumas vezes na Direção dos espaços, ou em algum lugar assim, algum projeto é... meio que acho que eles não lembram que o Movimento incentiva a juventude, que meio que eles até barram quando é para a juventude fazer alguma ação, alguma coisa só da juventude, muitas vezes eles meio que querem impedir, mas o Movimento em sí ele incentiva (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019).

Talvez, talvez a gente não tivesse uma... aos olhos da comunidade, às vezes não tivesse uma boa visão do Coletivo de Juventude. Porque talvez, eles achavam tipo que, tem pais que não gostam que o filho saia, tipo pra um, um evento, uma formação que tem, pode ser no município, mas tem bastante gente que não gosta porque acha que a gente não vai com o intuito de realmente estudar, de fazer formação política, de massificar assim e contribuir na luta. E que a gente vai mais, nas palavras bem de real assim, pra baderna, namorar e... na verdade essa nunca foi a nossa, o nosso ponto né. Sim... tem gente que realmente vai pra isso mas a gente, o nosso foco assim, na maioria da juventude, não era esse...mas então na visão da comunidade... talvez dentro da Direção, a gente tivesse umas pessoas que apoiassem. E então dentro da Direção a gente tinha quem até apoiasse, essa, essa... talvez um apoio, também tinha dentro do Direção, pessoas que não tinham esse apoio para com a juventude, porque também achavam que era desnecessário por exemplo comprar material para a juventude, que talvez não contribuísse nada, na luta enquanto todo (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

É bem drástico assim, porque a juventude é mais vista como baderna do que como que possa ajudar a construir um processo futuramente e é o que a gente da juventude acaba pensando e tendo em mente o foco de você se aprimorar pra dar retorno lá na frente né, mais, no que é visto da comunidade e do coletivo de Direção, é muito tipo, a juventude vai pra fazer baderna, é... mais quando tem uma ação e é necessário da ornamentação, alguma participação

de que a juventude precise atuar, sempre é chamado, mais ainda não é visto como, não é dado valor no serviço que os integrantes da juventude fazem, acho que é bem precário assim a mentalidade do nosso povo, do nosso coletivo Direção, em relação a juventude, bem tenso (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019).

As falas dos jovens tratam das perspectivas da comunidade em geral, das famílias, e da direção política do acampamento. Mesmo que estejam expressas visões pejorativas e posições que dificultam o avanço do Coletivo de Juventude, os jovens possuem clareza de quais são suas intenções centrais e consideram tais pontos de vista contraditórios com os momentos em que são demandadas responsabilidades à juventude, já que possui um Coletivo organizado e uma dinâmica de trabalho que até mesmo outros espaços organizativos do acampamento não tem.

Percebe-se que na atuação política dos jovens as questões comportamentais possuem relevância grande na confiança que lhes é depositada, entretanto, tais questões são comumente associadas como problemas unicamente gerados e de responsabilidade dos jovens e não reflexos de uma sociedade construída e legada por todas as gerações, sob domínio de um sistema social que disputa as ações e ideias sobre esses sujeitos. Logo, podemos afirmar que certas percepções da comunidade, não aprofundam que,

O capitalismo bombardeia a juventude cotidianamente com a sua ideologia dominante, através do estímulo ao consumo, bem como com o modelo de escola que visa prepará-los para o mercado de trabalho, ou seja, é um produto para o mercado. Essa potencialidade vista como contradição nos coloca o desafio de disputar o projeto a ser assumido pela juventude. Não é por acaso que é na juventude que se reflete, com mais intensidade e em alguns aspectos, as contradições do modo de produção capitalista, que além de impor uma identidade transitória muito associada à irresponsabilidade, subestima o papel transformador do jovem [...] (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019, p. 111).

Caldart (2012) ressalta a capacidade que tem a luta do Movimento Sem Terra, enquanto educador das circunstâncias, na disputa de formação dos sujeitos. Todavia, é perceptível que ainda é necessário avançar para que a juventude e os conflitos gerados pelos seus comportamentos sejam interpretados em uma perspectiva de disputa de projetos formativos, que responsabilize a coletividade por contribuir com uma nova significação em relação a esses sujeitos, o que não quer dizer que não devam haver críticas ao processo de auto-organização, mas sim, que o peso de responsabilização e as iniciativas de avanço, devem ser divididas entre as gerações. Esta constatação, está estritamente relacionado à concepção de juventude que lhe coloca envolvida em problemas que são próprios dessa fase da vida, alheio ao meio social em que está inserido, quando na verdade, defendemos, apoiados em Janata

(2016), que a juventude não pode ser compreendida com um tempo em si, mas, em sua relação com o outro que não é jovem e diante da universalidade que envolve ambos.

Outro elemento parte do entendimento que está refletido na falta de reconhecimento e confiança da comunidade sobre os jovens, encontra-se em Castro (2009) e diz respeito a reflexão de que ao privilegiar a transitoriedade nas percepções sobre a juventude precisam ser regulados e encaminhados, assim consequentemente ocorre a deslegitimação de sua participação política.

Embora foram levantados um conjunto de entraves na relação geracional com a comunidade, ao passo que se constituiu o processo de auto-organização da juventude no acampamento, abre-se possibilidades maiores de influenciar nas ideias presentes na cultura local, que associa de forma pejorativa esses sujeitos. A realização de ações concretas que interferem sobre as demandas da realidade da comunidade tem um impacto positivo no reconhecimento do trabalho da juventude. “Depois de várias atividades, noites culturais, ficamos bem vistos, conseguimos nos organizar de forma competente ficou uma visão boa, que melhorou por ele estar organizado” (ENTREVISTADO 6, 26/04/2019). Através das demais entrevistas podemos perceber essa afirmação,

Eu vejo que dentro do acampamento, quando eu comecei a minha mãe falava que a juventude, era só o povo da baderna, tava junto ali só pra fazer aquela baguncinha, e quando eu entrei no Coletivo que eu fui entender assim bem certinho, o que que era tá junto na juventude, a energia de tá junto com eles. É bem diferente do que as pessoas do acampamento e o povo da cidade pensam, sobre o MST, sobre a juventude aqui (ENTREVISTADA 5, 13/03/2019).

Eu acho que é importante para a juventude mostrar não só para as pessoas do espaço, mas sim mostrar para todo mundo, que a juventude não é só bagunça, que a juventude é fervo, é diversão, que a juventude pode sim levar as coisas a sério, ela pode sim trabalhar, ela pode sim lutar pelos seus direitos. Isso mostra que a juventude está organizada. As vezes a juventude está organizada e sempre tem aqueles.... Mas eu acho que se a gente se organizar aí é uma forma de começar a construir outros tipos de ideias em relação a juventude (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019).

“As diferentes construções do que é ser jovem, para os indivíduos que encontramos, variam nos espaços por onde transitam e de acordo com as posições sociais que ocupam” (CASTRO, 2009, p. 188). A posição social que a juventude quando organizada encontra-se, estende às possibilidades de uma atuação expressiva na vida de suas comunidades, tais ações, são marcas deixadas no processo de construção do território e portanto fazem dos jovens sujeitos políticos imprescindíveis no exercício do poder local. Logo, sua presença constante no cotidiano e nas instâncias de decisão, coloca-os em outra condição de participação, favorável para se problematizar e enfrentar os conflitos geracionais derivados das ideias equivocadas sobre a juventude.

O dinamismo, o ânimo e a motivação, foram destacados entre as grandes marcas que a juventude imprimiu no território através de ações propostas para trabalhar as dimensões da sociabilidade humana importantes no pensar o campo da Reforma Agrária Popular que [...] deve ser um lugar bom e digno de se viver” (STÉDILE, 2018, p. 21). Tais atividades desenvolvidas nesse sentido, atingiam tanto os jovens como a comunidade em geral, por isso são tão consideradas na atuação do Coletivo de Juventude. As impressões sobre essa contribuição se apresentam nas falas abaixo,

Ah, a gente dá uma animada no negócio, acho que por exemplo a gente plantou as bananas ali, e a gente se organizou, ajudou a fazer um campo, a gente fez o campo de vôlei por exemplo ó...não era só jovens que ia jogar, tinha gente que tipo, de a família que tipo, as famílias iam lá e jogavam e taus, i também tem esse negócio da batucada por exemplo, o que seria um manifesto sem, uma ação assim sem batucada, seria mais desanimado assim, de vê assim essa visão. E talvez a gente também, a gente fez placa, essas coisa que talvez a gente fez não seria, não seria priorizado pra os outros Setores fazer, então enquanto juventude, Coletivo de Juventude a gente tinha mais facilidade de fazer tipo uma placa, fazer uma... um mural, um muralismo na parede e então acho que a juventude dá mais vida ao acampamento, porque a gente, talvez não de todo mundo, mas a gente tem um ânimo, um positivismo, existe essa palavra? Uma positividade muito maior sobre as coisas, assim sobre do que por exemplo uma pessoa de 40 anos, Não que uma pessoa de 40 anos não possa ter esse ânimo, mas que a gente talvez cultive mais (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

Ter Coletivo de Juventude foi bom para os próprios jovens, se não fosse a juventude muitos deles iam embora, não tinham o que fazer no acampamento, ele sustentou os jovens dentro do acampamento. Os jovens se identificavam, tinham o Coletivo como um espaço deles, que eles gostavam e queriam ficar (ENTREVISTADO 6, 26/04/2019).

Porque pode exemplo, a Frente de Massas, quem faz mais agitação e propaganda é a juventude, a que bota a cara a tapa quando precisa de verdade, é a juventude. Eu acho que querendo ou não a juventude ela é um dos pés direitos do Movimento, porque ela é uma grande força enquanto um coletivo, algumas vezes é meio desorganizada, mas tipo, quando ela se une é uma força bem grande. A juventude tem uma capacidade de raciocinar e de pensar, que alguns outros coletivos não tem (ENTREVISTADO 7, 06/04/2019).

Eu vejo que se eu não participasse do Coletivo de Juventude eu teria a mente totalmente diferente, não teria esse pensamento que a juventude é aquela que sempre vai estar a frente de todas as funções, que ela sempre vai estar a frente, mas hoje eu vejo que a juventude ela explora muitas coisas, além de estar sempre na frente, ela dá muita oportunidade aos jovens a participar de cursos de formação, fazia com que os jovens fossem para outras áreas fazer oficinas de batucada, teatro, do palhaço, que era as coisas que mais a galera gostava de participar (ENTREVISTADO 8, 27/04/2019).

O Inventário da Realidade (2017) trata das restrições da comunidade ao acesso de cultura e lazer. Como já descrito no capítulo anterior, as principais ações do Coletivo de Juventude se desenvolveram no âmbito cultural, muitas com objetivo de avançar nessa problemática, que embora envolvam questões maiores que a capacidade de alcance do próprio Coletivo, precisam ser destacados. “Essas práticas fazem o confronto aberto, ainda que com forças bem desiguais, à lógica da indústria cultural, que é o nome do modo como o capitalismo organiza essa investida ideológica no plano da cultura” (COLETIVO

NACIONAL DE JUVENTUDE, 2016, p. 53).

Para pensar a formação da juventude sem-terra residente em uma ocupação e organizados no Coletivo de Juventude, nos apoiamos nas categorias singular, particular e universal, relacionadas por Garcia (2012). Compreendendo assim, que o jovem em sua *singularidade* é influenciado pelas relações produzidas na *particularidade* do MST, e pelas relações produzidas no *universal* da luta de classes, desde o campo, seu espaço de vida. E, “Chegando a definição de que o particular é a unidade do singular e do geral, e a correlação do particular e geral representa por fim uma correlação do todo e da parte [...]” (GARCIA, 2012, p. 125). Desta forma, é na particularidade que encontra-se a manifestação das relações produzidas no âmbito universal, não sendo possível compreender o sujeito estudado sem a devida conexão com o MST, considerando que na luta da organização coletiva, os sujeitos se identificam e se constroem. Isto ocorre no seio da prática social, a qual encontra-se inter-relacionada com as relações mais amplas da sociedade, .

Partindo dessa concepção, não é possível mensurar que o processo de formação empreendido no MST e suas consequências no concreto-real, materializadas na ação, determinam a consciência. Mas, é preciso levar em conta, que a experiência de vida dos jovens no acampamento, na organização da juventude, nos espaços sistematizados de formação, e na luta política da classe, condicionam sua relação com o mundo e construção enquanto ser social.

A formação é um dos pilares que juntamente com a luta e organização sustentam a vida política do MST. No que tange às influências na formação dos jovens entrevistados, destaca-se a inserção em um território do MST que movimenta as matrizes de formação humana contidas em sua pedagogia (CALDART, 2012) e a inserção no Coletivo de Juventude, que potencializa a incorporação de tais matrizes, na medida que “[...] é o espaço que organiza a participação política dos jovens, preocupa-se com as questões específicas desse sujeito, e junto ao MST, posiciona-o na luta concreta” (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019).

Alguns elementos importantes da formação são evidenciados na medida em que os jovens expressam suas formulações relacionadas ao território que vivem e atuam. Vale retomar que ao iniciar um acampamento o principal motivante é a luta pela terra (FERNANDES, 2012), entretanto, o MST se constituiu para além do caráter sindical na medida que assume desafios mais amplos e intervém na luta de classes (STÉDILE,

FERNANDES, 2012). Porém, o processo de formação que almeja a consciência de classes e exige dos sujeitos assumir tais desafios não é um pressuposto da condição sem-terra. Dos oito jovens entrevistadas, quatro possuem um vínculo direto com o objetivo da conquista da terra para si, sendo cadastrados no INCRA e vivendo em um lote atualmente, os demais não, mas mesmo assim, todos os jovens apontam para uma disposição de contribuição militante e uma visão ampliada do MST e da luta em geral, não associada apenas a isso. Ao expressar a importância em compreender o Movimento, ser sujeito político e ter claro que a luta é por Reforma Agrária Popular, que vai além da distribuição de terras, mas reivindica projeto de sociedade (FERNANDES, 2012), os jovens explicitam resultados de uma consciência que pensa além de suas necessidades materiais,

[..] ele é sim, um Movimento que ele incentiva a mudança das pessoas... a diferença que quando a gente vem para o acampamento, por mais que a gente esteja no acampamento muitas vezes a gente não sabe nada do Movimento, muitas vezes a gente perde o conceito do que o Movimento é, a gente esquece de que ele é como se fosse para fazer uma grande família, para unir as pessoas, essa coletividade mais pra frente, pra gente ser diferente em relação à sociedade, porque não adianta a gente mudar a sociedade e não mudar a nós mesmos, e eu acho que o Movimento trás mais isso, pra pessoa tipo ter a consciência, pra ela mudar, pra ela conseguir fazer a diferença enquanto coletivo, enquanto sociedade (ENTREVISTADO 7, 26/04/2019).

Quando eu entrei meu objetivo era mais conseguir um terreno, daí só tinha essa ideia sabe, mas quando eu comecei a participar do Coletivo de Juventude eu percebi que não era só ficar acampado e esperar a terra, mas sim participar das atividades e conhecer mais nosso Movimento, que é um dos Movimento (ENTREVISTADO 8, 27/04/2019).

E no Coletivo de Juventude eu acho que a importância do Coletivo é essa, esclarecer o que a gente luta realmente, se é uma Reforma Agrária, é uma Reforma Agrária Popular, o que que a gente tem que saber pra gente poder lutar prá gente, é muito importante o Coletivo pra esclarecer isso (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019).

O aspecto mais destacado no sentido da formação obtida no MST, em especial à que foi proporcionada pela participação no Coletivo de Juventude, presente no relato de todos os entrevistados, foi o avanço na compreensão da sociedade e do papel dos sujeitos na história, desde a ótica dos trabalhadores e trabalhadoras. Ianni (1869) trabalha o despertar da consciência de classes como o desvelar da condição de alienação e exploração, propiciada por uma apreensão intelectual das contradições. Somente esse caminho, permite que os jovens canalizem politicamente suas ações, transformando-se em agentes transformadores da realidade. Os trechos abaixo ilustram o desenvolvimento desta capacidade, ao passo que demonstram como os jovens tratam tal aprendizado como revelador de uma realidade concreta da qual estão imersos, mas anteriormente lhes parecia estranha,

O MST amplia os horizontes da juventude por meio dos processos formativos tanto quanto

estudo tanto quanto de luta. O contribui para que o jovem aprenda a entender a sociedade para indignar-se e querer lutar para melhora-la para a classe trabalhadora [...] as atividades do Coletivo de Juventude influência nos processos de aprendizagem política e social na luta de classes. É praticamente impossível se negar a lutar a partir do momento que se conhece as desigualdades que vivemos. (ENTREVISTADA 3, 08/03/2019).

Talvez eu ficasse pensando daquela maneira de que todo mundo é rico e que eu sou pobre e isso ia me trazer uns conflito dentro de mim, eu ia me sentir talvez excluída, do que todo mundo é e eu não sou, então desse de inserção no mundo, de sabe realmente assim, ter uma visão mais... [...] talvez o MST tenha me ensinado o quanto a gente é importante, e o quanto a gente é, então porque a gente, talvez isso seja só meu, mas a gente pensa que todo mundo é rico e a gente é pobre, e não é assim (risos), é todo mundo é pobre e uma minoria é rico, e eu acho que isso contribuiu muito pra mim. O MST em geral, porque ele me mudou tudo essa coisa da política que eu tinha em mente sobre capitalismo, e tudo mais (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

O Movimento pra juventude, ensina pra juventude vê realmente o que é a vida do ser humano na verdade, porque... demonstra o fato real tipo do trabalhador, do explorado, do negro, da mulher [...] (ENTREVISTADO 2, 04/03/2019)).

Também é importante que os jovens além de compreender a classe, considerem as especificidades que atingem o campo e se identifiquem com essas particularidades, a fim de se colocarem como sujeitos de transformação. Uma das jovens, trouxe em seu relato essa reflexão,

[...] se não tive essa formação com o jovem, esse chamamento, que chama o jovem a esta no Movimento de verdade, não estar de ir lá se acampar, pagar mensalidade.... De se inserir realmente no MST quanto Organização, quanto luta, então acho que é importante por isso, também é importante. Eu por exemplo acho que o jovem assim, ele ganha uma visão assim, talvez do mundo, é uma visão mais de gente pobre e tal, a gente consegue ter noção do que a gente realmente é, porque que a gente realmente tá, importante a gente se ver enquanto juventude do campo de verdade. Porque às vezes a gente tá no campo, mas a gente não quer assumir que a gente é jovem camponês (ENTREVISTADA 1, 02/03/2019).

Este debate é válido no sentido de que, “Precisamos construir uma cultura organizativa e identidade com o campo que lhes possibilite participar da vida política do assentamento, comunidade rural etc” (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019, p. 114).

Não há pretensão de com essa pesquisa estimar o nível de consciência de classes no qual os jovens se encontram, até porque esse é um dado qualitativo da realidade. Todavia, tais falas que ressaltam os aprendizados, as ações descritas e o conjunto de impressões reconhecendo a importância da organização política da juventude, demonstram que os caminhos percorridos até aqui buscam provocar tal despertar e que já demonstra resultados concretos na realidade. Um dos papéis centrais do Coletivo é ser espaço formativo, “[...] porque não basta só animação, empolgação, a juventude precisa ter consistência ideológica, se não estará sujeita a posições e caminhos conservadores, por isso é necessário ter formação que contribua com a elevação do seu nível de consciência política e cultural” (COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST, 2019, p. 114).

É necessário retomar que “A exclusão social é uma marca da juventude rural no Brasil [...]” (CASTRO, 2009, p.195). Os jovens estão relegados às condições impostas pelo capital no campo, submissos na produção e renda (MAFORT, 2003), prejudicados pela escola dual (FRIGOTTO, 2009) e excluídos pela concentração de terras no Brasil. Assim, mesmo que a ação do MST demarca nos territórios do latifúndio e do agronegócio a territorialização camponesa pela construção de espaços de sociabilidade política (FERNANDES, 2012), que imprimem a resistência ao capital, “Para que a juventude continue no campo, e a que foi retorne, é necessário que a reforma agrária esteja vinculada a uma moradia digna, à agroecologia, cooperação, geração de renda e emprego, novas relações de gênero, educação do campo e à produção de cultura viva, de classe” (ZARREF, 2016, p. 74).

Construir a Reforma Agrária Popular é acumular forças para a missão estratégica de enfrentar o agronegócio e construir as possibilidades para as mudanças estruturais de toda sociedade capitalista (MST, 2014). Esse novo campo que está contido nos desafios de nosso atual programa político do MST, também é tema de debate e objeto de análise nas atividades com a juventude do acampamento. Esse esforço está materializado nos programas de cursos de formação, mas principalmente, tal relação é evidente, nas ações que a juventude desenvolve no acampamento. É certo que a experiência analisada não é suficiente para resolver a amplitude das problemáticas que cercam os jovens como trabalhadores/as e camponeses/as, mas são ensaios de como a organização da juventude forma ao passo que intervém na realidade, por meio de ações que expressam seus devidos limites e potenciais circunscritos pelo contexto que os jovens estão imersos.

Um primeiro olhar lançado para a experiência de Coletivo de Juventude organizado em um acampamento do MST pode a considerar simplista. Entretanto, em um contexto de exclusão de direitos fundamentais, uma juventude que se dispõe a construir seu território e uma ampla organização da qual são parte, mesmo que ao seu modo específico, merecem atenção e considerações, ainda mais, por fazerem através de uma perspectiva de projeto, que é coletivo, tão distante do imaginário social hegemônico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nessa pesquisa nos propomos a refletir sobre a formação e atuação política dos Coletivos de Juventude no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, motivada pelos avanços produzidos no contexto dos movimentos sociais na inserção de tais sujeitos. Durante a realização deste trabalho houve a busca de responder a questão “quais as contribuições da juventude Sem Terra para o MST e a construção da Reforma Agrária Popular, quando se organiza em Coletivos de Juventude?”, para tanto, o estudo sistematizou e analisou uma experiência concreta, a do Coletivo de Juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, em Rio Bonito do Iguaçu/PR.

Para responder tal questão norteadora, diante do objetivo geral, analisamos a repercussão da organização dos jovens no Coletivo de Juventude sobre o processo de formação de sua consciência política e contribuição no MST e diante dos objetivos específicos, identificamos as potencialidades da experiência do Coletivo de Juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio; apresentamos a materialidade da vida do jovem no campo, e particularmente no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio; descrevemos o histórico e a atualidade de trabalho com a juventude no MST, expressando os entendimentos que se constroem em relação à esse sujeito e sua participação; destacamos e discorremos sobre as ações que os jovens do Coletivo de Juventude do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio constroem e participam.

A materialidade da vida do jovem no campo, e particularmente no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, foi apresentada através da caracterização do território, compreendendo-o como território em disputa, do qual as relações produzidas em sua abrangência influenciam a formação dos sujeitos. Assim como, discutimos sobre as condições que o capitalismo impõe à juventude no campo, perpassando por problemáticas centrais que circunstanciam essa realidade, entre elas: a posição de submissão nas relações de trabalho e a ausência da renda como maior limite na vida dos jovens; a exclusão dos jovens pela ausência de escola no campo e sua organização dual; os agravantes na vida das jovens mulheres pela influência do patriarcado; as interpretações presentes na participação política dos jovens que geram descredibilidade ou responsabilização absoluta; o lazer como necessidade associada ao consumo e restrita às condições econômicas; a exclusão do acesso à terra. Estas, situam o êxodo rural o debate mais recorrente na atualidade do Brasil quando aborda-se o tema juventude camponesa.

Descrevemos o histórico e a atualidade de trabalho com a juventude no MST, expressando os entendimentos que se constroem em relação à esse sujeito e sua participação, por meio de uma discussão sobre as perspectivas teóricas utilizada para trabalhar a juventude no MST, que assume a juventude como um conceito permeado pelas relações de poder, construída na relação entre o jovem e o não jovem, e na relação de ambos com a universalidade, apreendendo na classe social a centralidade de sua interpretação. Introduzimos sobre a gênese, caráter, significação social e debate de Reforma Agrária Popular no MST e sobre o histórico do Coletivo de Juventude, destacando aspectos das especificidade e acúmulos na organização política e posicionamento do jovem na luta concreta. Consecutivamente, abordamos a formação da juventude no MST, em uma perspectiva de disputa de projetos formativos e processo de formação da consciência de classes, ressaltado o papel da organização.

As ações que os jovens do Coletivo de Juventude do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio constroem e participam foram abordadas. Para contextualizar iniciou-se pela trajetória, organicidade e funcionamento. Foram delineadas: as atividades formativas, externas e internas, organizadas enquanto processos sistemáticos, que abrangeram distintas dimensões humanas, recebendo destaque o papel da auto-organização; as atividades de produção agroecológica, que acumulam aprendizados do trabalho coletivo em uma experiência diferenciada com a produção, limitada pelo tempo que ficou em vigência; as atividades de autossustentação do Coletivo de Juventude, que garantem uma maior autonomia política e compreensão do processo de administração financeiro; às iniciativas culturais, como âmbito mais expressivo da prática da juventude, carregadas de identificação e potencial de contribuição no território; as lutas e manifestações, em que a organização da juventude qualificou a participação nas iniciativas do MST e da classe e capacidade e consciência de mobilização por questões que atingem particularmente a juventude.

Por fim, analisamos a repercussão da organização dos jovens no Coletivo de Juventude sobre o processo de formação de sua consciência política e contribuição no MST. A organização da juventude, gestada desde os acúmulos do território do MST, torna-se um espaço privilegiado para potencializar a participação e formação da juventude, proporcionando avanços fundamentais para o desenvolvimento da consciência de classes.

Embora o MST assuma o desafio do trabalho com a juventude das áreas de reforma agrária e identifique potencial nestes sujeitos, acumule uma reflexão acerca da importância

das especificidades dos incentivos e condições abertos a sua participação, os conflitos presentes na relação entre as gerações, que expressam visões pejorativas e posições que dificultam o avanço do Coletivo de Juventude, foi o entrave mais recorrente identificado na pesquisa. Neste sentido, as questões comportamentais possuem relevância grande na confiança política que é depositada na auto-organização da juventude. Tais percepções da comunidade sobre a juventude e sua organização, não concebem o jovem em uma perspectiva de disputa de projetos formativos, o que está relacionado à ideias equivocadas que são tomadas como pressuposto para a interpretação de juventude. Prevaecem concepções que a compreendem como um tempo em sí, alheia ao meio social que está inserido, destoadada da concepção de classes. Quando não se compreende que os conflitos principais aflorados na juventude possuem raízes nas contradições do atual sistema econômico, o jovem é responsabilizado, mesmo que suas únicas referências estejam na sociedade, uma construção legada por todas as gerações. O idealismo tão presente no termo “juventude” emperra o desenvolvimento das potencialidades de inserção da juventude no MST, devendo ser um tema encarado pela organização com coerência, pois está vinculado às relações de poder estruturantes que organizam a lógica do capital na hierarquia e exclusão dos seres humanos.

Embasados nesta reflexão, a auto-organização da juventude é imprescindível no trabalho do MST. Se situamos a existência de relações de poder que subordinam o jovem, existem contradições que só serão evidenciadas por eles próprios e superadas com sua contribuição. A realização de ações concretas expressivas que contemplam as demandas da realidade da comunidade têm um impacto positivo no reconhecimento do trabalho da juventude, destacamos aqui as iniciativas culturais que foram empreendidas, que embora com forças bem desiguais, fazem confronto à lógica da indústria cultural. Esse avanço, permite ao jovem, ser sujeito político imprescindível na construção do território e no exercício do poder local, colocando-o em uma condição favorável para problematizar e enfrentar os conflitos geracionais. Entretanto, a auto-organização não é um processo espontâneo, exige esforço, exige um posicionamento político por parte dos adultos que compõe o processo, já que construir o novo é muito mais trabalhoso que apenas reproduzir o que já está dado.

As principais constatações da potencialidade da experiência analisada neste trabalho, se evidenciam no processo de formação da consciência política. O Coletivo de Juventude potencializa a incorporação das matrizes formativas do MST, tendo em vista que o insere concretamente na luta. No trabalho com a juventude identifica-se um caminho traçado para o

despertar da consciência de classes, manifestado em sua visão sobre a sociedade, mas sobretudo, pela sua intervenção política desde o território que pertencem, na construção da Reforma Agrária Popular, estratégia política da organização coletiva de que fazem parte.

A presente pesquisa aponta diversas questões que estão presentes na realidade e são possíveis de ser exploradas na continuidade dos estudos. Reconhecemos lacunas que ficaram, como por exemplo, o aprofundamento das relações patriarcais na vida e organização política da juventude do MST; a relação dos jovens com a educação formal; o aprofundamento dos limites da experiência organizativa, que também suscitam novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A., F. **Consciência e territorialização contra-hegemônica: uma análise das políticas de formação da Via Campesina América do Sul.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. Extraído de: BOURDIEU, P. 1984. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/searchq=cache:JAbpJemEQh0J:www.observatorioensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=ubuntu>. Acesso em 31 de maio de 2019.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P. e FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro/São Paulo: ESPJV/Expressão Popular, 2012.
- CASTRO, E. G. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.
- CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y juventud**, v.7, no 1, enero/junio, 2009.
- CEZIMBRA, E. N. *et al.* **Jovens, luta por terra, e permanência no campo.** I Seminário Internacional de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável. Marechal Candido Rondon, 2017.
- COLETIVO ESTADUAL DE JUVENTUDE DO MST. **Juventude e Agroecologia: Trabalho, Organização e Luta Popular!.** 16º Jornada de Agroecologia, Curitiba/ PR, 2017. *No prelo.*
- COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. A juventude camponesa e o modelo de produção no campo. In: **Juventude no Brasil.** Org. MARTIN, L.; VITAGLIANO, L. F. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.
- COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. Desafios de formação da Juventude. In: **1º Cartilha de formação da Juventude Sem Terra.** Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2016.
- COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. **Preparação para o Encontro Nacional.** São Paulo: Secretaria Nacional, 2018.
- ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DO SABER. **Inventário da Realidade.** Rio Bonito do Iguaçú/ PR, 2017. *No prelo.*

FERNANDES, B. M. A territorialização do MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- Brasil. **Revista Nera**, n. 1, 2012.

FERNANDES, B. M. Acampamento. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P. e FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: ESPJV/Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, B. M. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: ESPJV/Expressão Popular, 2012.

FINATTO, R. A., RIBAS, K, C. S. **Desenvolvimento territorial e agroecologia: considerações sobre o acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio**. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Curitiba, 2017.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Org. NOVAES, R. e VANNUCHI, P. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GARCIA, F. M. Perspectivas de estudo sobre a formação do sem-terra: o uso das categorias do universal, particular e singular. **Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, local, v. 4, n. 1, p. 124-132, jun. 2012.

GOMES, I.; COUTINHO, J. A. **Estado, movimentos sociais e ONGs na era do neoliberalismo**. Espaço Acadêmico, v. 8, n. 89, out. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupopesquisa/gepal/segundosimposio/ilsegomesejoanaaparecidacoutinho.p df>. Acesso em: 18 jun. 2018.

GROPPO, L. A. A juventude como categoria social. In: **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, L. A. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis**. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n1p4> , acesso em 31 de maio de 2019.

HOBBSBANW, E. J. Notas sobre consciência de classe. In: **Mundos do trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

IANNI, O. O jovem radical. In: BRITTO, S. (org.). **Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

INCRA. **O que é PDA?**. 17 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/oqueepda>>. Acesso em: 11 de nov. de 2018.

JANATA, N. E. **“Juventude que ousa lutar!”: trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

JANATA, N. E. Reflexões sobre a juventude do campo e do MST. In: **1º Cartilha de formação da Juventude Sem Terra**. Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2016.

JORNAL CAMPESINO. **Herdeiros da Terra: o novo assentamento em Rio Bonito do Iguaçu**. 6º edição, abril de 2018.

MACHADOI, V. M. A juventude camponesa em cena e sua relação com a instituição escolar. **Revista Labirinto – Ano XIII**, nº 18 – Junho de 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/890/1059>>. Acesso em 11 de nov. de 2018.

MAFORT, K., **A hegemonia do agronegócio e o sentido da Reforma Agrária para as mulheres da Via Campesina**. Dissertação. Araraquara, 2013.

MARTINS, S. A. **A formação política da juventude do Movimento Sem Terra no estado do Paraná**. Programa de Pós Graduação em Sociologia Política. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

MELLO, J. C; VIEIRA, T.C.L; XAVIER, L.P. **O trabalho com a Juventude Sem Terra na Região da Cantuquiriguaçu**. *No prelo*.

MINAYO, M. C. S. (org). A Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, M. C. S. (org). 23 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

MORISSAWA, M. **História da Luta pela Terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Programa Agrário do MST**. São Paulo: Secretaria Nacional, 2014.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Site oficial**. 2019. Disponível em: <http://www.mst.org.br/>. Acessado: 31 de maio de 2019.

NOVAES, R. **Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias**. Brasília. 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/jo1X4G> >. Acesso em: 17 jun. 2018.

NOVAES, R. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. (Coleção Educação para Todos; 16). p. 253-281.

OLIVEIRA, A. U. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária**. Estud. Av. vol.15 no.43 São Paulo. Sept./Dec. 2001.

OLIVEIRA, L.B.; RABELLO, D.; FELICIANO, C. A.; Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. In: **Revista Pegada-** vol.15, n.1. Julho de 2014. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3032/2626>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

ONU. **Adolescentes e jovens são 28% da população mundial; ONU pede mais investimentos.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/adolescentes-e-jovens-sao-28-da-populacao-mundial-onu-pede-mais-investimentos/>. Acessado em 31 de maio de 2019.

PACHECO, C. S. **Ocupar e resistir : as ocupações das escolas públicas como parte do ciclo atual de mobilização juvenil no Brasil.** Curitiba, 2018.

PIRES, M. F. C. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Texto apresentado na mesa-redonda Paradigmas de Interpretação da Realidade e Projetos Pedagógicos organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em agosto de 1996.

PIZETTA, A. J. A formação política no MST: um processo em construção. **Revista OSAL** (Buenos Aires: CLACSO) Año VIII, No 22, septiembre de 2007. Disponível em <http://hechohistorico.com.ar/Trabajos/Osal/osal/osal22/org/EMS22Pizetta.pdf> . Acessado em 31 de maio de 2019.

ROOS, D. A disputa pelo território: agricultura camponesa versus agronegócio nos assentamentos do centro-sul paranaense. **XIII Jornada do Trabalho “A irreformalidade do capital e os conflitos do capital no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do trabalho”.** Pres. Prudente/ SP- 09 a 12 de outubro de 2012.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. : In CASTRO, I.E. et al. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77-116.

SOUZA, R. R. **Luta pela terra e prática pedagógica:** a experiência da Escola Itinerante Herdeiros do Saber. Laranjeiras do Sul, 2017.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço geográfico uno e múltiplo.** Scripta Nova. Barcelona. 2001. p. 01- 11.

STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

STÉDILE, M. Lutar, construir reforma agrária popular: tarefas da juventude. In: **Desafios de formação da Juventude.** COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. São Paulo: Secretaria Nacional, 2018.

TRASPADINI, R. Os Desafios da Juventude. In: **Brasil de Fato.** 15 Set. 2010. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/120/>>. Acessado em: 18 Jun. 2018.

TERRA VERMELHA. **Uma luta constante.** Laranjeiras do Sul, n. 15, setembro de 2014.

VIEIRA, L.C. **A Mística no MST: Um Ritual Político.** XIII Encontro de História Anpuh-Rio. S/d.

VIEIRA, T.C.L. **A forma escolar e a auto-organização dos estudantes: potencialidades e contradições para o MST.** Monografia, UNICENTRO, 2013.

ZARREF, L. Juventude e Sucessão Familiar. In: **1º Cartilha de formação da Juventude Sem Terra.** Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2016.

ZENERATTI, F. L. **O debate paragnático na geografia agrária: divergências e convergências na abordagem territorial.** Boletim Dataluta. Jun. de 2014.